



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA**



DANIELLE PEREIRA DA COSTA

**O ALUNO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR:
O PREPARO DA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR**

**MAMANGUAPE
2018**

DANIELLE PEREIRA DA COSTA

**O ALUNO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR:
O PREPARO DA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Licenciatura em Letras Língua Inglesa a Distância da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB VIRTUAL).

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliene Paiva de Araújo Osias.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C838a Costa, Danielle Pereira da.

O ALUNO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR: O PREPARO DA
ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR / Danielle Pereira da
Costa. - João Pessoa, 2018.

63 f. : il.

Orientação: Juliene Osias.

Monografia (Graduação) - UFPB/Mamanguape.

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Aprendizagem. 3.
Ensino. I. Osias, Juliene. II. Título.

UFPB/BC

DANIELLE PEREIRA DA COSTA

**O ALUNO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR:
O PREPARO DA ESCOLA E O PAPEL DO PROFESSOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



Profª Drª Juliene Paiva de A. Osias – UFPB
Orientador/Presidente



Profª Ms. Barthyra Cabral V. de Andrade – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Prof. Drª Bárbara Cabral Ferreira – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Dedico este trabalho a todos os familiares e amigos que me acompanharam durante essa jornada.

RESUMO

Ensinar está muito além de abordar os conteúdos previstos no currículo escolar. Por essa razão, os professores e as instituições de ensino precisam compreender a importância de dar a assistência necessária, da maneira mais apropriada, aos alunos que chegam constantemente ao ambiente escolar com necessidades específicas. O número de diagnósticos de indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista tem crescido consideravelmente e, por essa razão, é fundamental que as escolas e os profissionais da educação estejam preparados para acolher, incluir e estimular o desenvolvimento desses alunos da maneira mais eficiente. O TEA se apresenta de formas diferentes, podendo se manifestar dentro de um espectro que varia do grau leve até o mais severo. Justamente por isso, as particularidades das pessoas acometidas pela síndrome varia grandemente, o que reforça a necessidade dos professores conhecerem todas as nuances que englobam o autismo para que, munidos dessas informações relevantes, eles possam se preparar para dar assistência a esses alunos, compreendendo suas características individuais e sabendo se posicionar e proporcionar um ambiente favorável ao aprendizado de todos dentro da sala de aula, aderindo à reflexão constante a respeito de suas próprias práticas e das habilidades e motivações dos alunos. Considerando isso, este trabalho tem o intuito de explorar os estudos mais recentes acerca do Transtorno do Espectro Autista, levando em conta especialmente os aspectos da síndrome que podem vir a afetar o processo de aprendizagem, considerando também a importância do papel do professor e o preparo das instituições de ensino como fatores influenciadores que podem colaborar com o desenvolvimento desses alunos, auxiliando-os com a aquisição de conteúdos, com a interação em ambientes sociais e também com a expansão da relação e visão dos mesmos a respeito do mundo que os rodeia. Foram consideradas as teorias e pesquisas feitas pelos autores Surian, Orrú, Cunha, Castanhel, Relvas, dentre outros. Além disso, foi aplicado um questionário com um grupo representativo de professores, que incluía profissionais das redes pública, privada e de escolas de cursos livres. O intuito deste questionário foi verificar, através de questões relacionadas a especificidades do transtorno, o nível de conhecimento desses profissionais e, possivelmente, identificar temas e informações relevantes que ainda não são tão difundidas nesse meio, e que poderiam ser cruciais para a atuação desses profissionais quando os mesmos se depararem com alunos que se encontrem no espectro autista dentro de sala de aula. Diante da inevitabilidade do aprimoramento dos ambientes escolares para o acolhimento de alunos com TEA, faz-se necessário conscientizar as instituições de ensino a respeito do seu importante papel nesse processo, é fundamental dar acesso aos profissionais da educação às informações cruciais para que os mesmos possam trabalhar com esses indivíduos que requerem uma atenção e dedicação mais direcionada.

Palavras-chaves: Transtorno do Espectro Autista, Aprendizagem, Ensino

ABSTRACT

Teaching goes far beyond addressing the content provided in the school curriculum; therefore, teachers and educational institutions need to understand the importance of giving the necessary assistance, in the most appropriate way, to students who constantly come to the school environment with specific needs. The number of individuals diagnosed with Autism Spectrum Disorder has increased considerably and it is therefore imperative that schools and education professionals are prepared to welcome, include and encourage the development of these students in the most efficient way. The ASD presents itself in different ways, and can manifest itself in a spectrum that varies from light to severe. For this reason, the particularities of people affected by the syndrome vary greatly, which reinforces the need for teachers to know all the nuances that encompass autism so that, with such relevant information, they can prepare to assist these students, understanding their individual characteristics and knowing how to position themselves and provide an environment that is appropriate to the learning of all within the classroom, pondering constantly about their own practices and the abilities and motivations of each of their students. Considering this, this work intends to explore the most recent studies about Autism Spectrum Disorder, especially taking into account the aspects of the syndrome that may affect the learning process, also considering the importance of the role of the teacher and the preparation of the educational institutions as influential factors that can contribute to the development of these students, helping them with the acquisition of contents, with the interaction in social environments and also with the expansion of their relation and vision regarding the world that surrounds them. Theories and researches made by the authors Surian, Orrú, Cunha, Castanhel, Relvas, among others, were considered during this research. In addition, a questionnaire was applied with a representative group of teachers, which included professionals from public, private and ESL schools. The aim of this questionnaire was to verify, through issues related to the specifics of the disorder, the level of knowledge of these professionals and, possibly, identify relevant topics and information that are not yet so widespread in this environment, and that could be crucial for the performance of these professionals when they encounter students who are on the autistic spectrum within the classroom. Given the inevitability of improving school environments for the reception of students with ASD, it is necessary to educate the educational institutions about their important role in this process, it is fundamental to provide information to education professionals regarding crucial information so that they can work with those individuals who require more focused attention and dedication.

Keywords: Autism Spectrum Disorder, Learning, Teaching

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeira pergunta do questionário.....	38
Figura 2 – Segunda pergunta do questionário.....	39
Figura 3 – Terceira pergunta do questionário.....	40
Figura 4 – Quarta pergunta do questionário.....	41
Figura 5 – Quinta pergunta do questionário.....	42
Figura 6 – Sexta pergunta do questionário.....	43
Figura 7 – Sétima pergunta do questionário.....	44
Figura 8 – Oitava pergunta do questionário.....	45
Figura 9 – Nona pergunta do questionário.....	46
Figura 10 – Décima pergunta do questionário.....	47
Figura 11 – Décima primeira pergunta do questionário.....	47
Figura 12 – Décima segunda pergunta do questionário.....	48
Figura 13 – Décima terceira pergunta do questionário.....	49
Figura 14 – Décima quarta pergunta do questionário.....	50
Figura 15 – Décima quinta pergunta do questionário.....	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I – O espectro autista.....	14
CAPÍTULO II – O desenvolvimento cognitivo e social do autista.....	18
2.1 Aquisição da linguagem.....	20
2.2 Aprendizagem formal.....	23
CAPÍTULO III – O papel do afeto e da escola.....	26
3.1 A contribuição da afetividade para o desenvolvimento da criança autista.....	29
3.2 A contribuição do professor.....	32
CAPÍTULO IV – Procedimentos metodológicos.....	35
CAPÍTULO V – Análise.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	61

INTRODUÇÃO

A cada ano que se passa, pesquisas apontam que a incidência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem aumentado consideravelmente. Como evidenciado:

Levantamentos feitos nos últimos anos registraram um aumento importante no número de casos desses transtornos. Há pouco mais de uma década se acreditava que o autismo e suas variações fossem bastante raros. Com base em pesquisas feitas nos Estados Unidos e na Europa, calculava-se que uma em cada 2,5 mil crianças – ou 0,04% da população infantil – apresentasse algum distúrbio do espectro autista. Hoje essa proporção é 20 vezes maior. Quase 1% das crianças norte-americanas e inglesas sofrem de algum desses transtornos de desenvolvimento, segundo dados recentes dos Centros para Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos e de pesquisas de universidades da Inglaterra. E a taxa pode ser ainda mais elevada (ZORZETTO, 2011).

Os dados revelados por diversas pesquisas internacionais indicam um aumento significativo na quantidade de crianças e adolescentes que apresentam alguma sequela nas áreas que são mais afetadas pelo transtorno. Segundo Teixeira (2017, p.29), esse total representa mais de seiscentas mil crianças e adolescentes brasileiros portadores do Transtorno do Espectro Autista. O transtorno em questão é uma síndrome de início precoce caracterizada por alterações marcantes no desenvolvimento da linguagem e da interação social. Tal crescimento tem sido apontado como uma epidemia por alguns pesquisadores, a exemplo de Teixeira (2017, p.31), que afirma que o Transtorno do Espectro Autista ilustra um grande problema de saúde pública. Porém, outros autores, como é o caso de Surian (2010, p.28), defendem que “não é possível excluir que a variação na estimativa da incidência relatada em diversos estudos seja devido somente à mudança nos critérios adotados e nas políticas de diagnóstico.” De toda forma, independente do motivo real, é fato que os casos diagnosticados de autismo têm crescido nos últimos anos.

O sistema educacional, nos moldes conteudistas em que se encontra, apresenta limitações em se adequar às necessidades dos alunos, e isso acaba prejudicando a integração dos alunos que necessitam de cuidados diferenciados. Como é esclarecido por Orrú (2016, p.150), “[...] o modismo do ensino a partir de conteúdos apostilados com a finalidade de preparar a criança desde pequena para a competitividade dos vestibulares tem contribuído fortemente para a exclusão de muitos alunos [...]”. A autora ainda relata que esses alunos são

justamente aqueles que necessitam de olhares diferenciados, que compreendam suas necessidades, podendo, a partir disso, facilitar o processo de aprendizagem.

É de senso comum afirmar que as pessoas são diferentes, que cada um é cada um, que cada qual gosta do que gosta. Contudo, no cotidiano escolar esses sábios dizeres nem sempre cabem quando a questão maior é ensinar conteúdos predeterminados, para uma mesma turma, num mesmo tempo, com o objetivo do cumprimento do plano de aula já traçado antes de conhecer os alunos da turma no início do semestre e já tendo o dia certo para concluir a transmissão de todos os conhecimentos elencados sem dever nada para o próximo ano letivo que, possivelmente, será com outro professor (ORRÚ, 2016, p.155).

Se o objetivo das instituições de ensino é fazer com que seus alunos aprendam, é fundamental que as características e necessidades desses alunos sejam vistas com a importância devida. Cumprir os conteúdos previstos dentro do prazo tem sido algo cada vez mais valorizado, quando, na verdade, a certeza de que os aprendentes estão conseguindo assimilar os conteúdos deveria ser sempre o foco dentro das escolas. Com relação aos alunos com TEA, considerar os dados que vêm sendo levantados a respeito do crescimento no número de diagnósticos é fundamental para começar a compreender quais atitudes precisam ser tomadas e quais modificações necessitam ser feitas no processo de ensino nas escolas brasileiras, para melhor acomodar e incluir as crianças que atingem a idade escolar e precisam receber o suporte ou o tipo de atenção e cuidado que seria para elas fundamental dentro dessas instituições. Afinal de contas, como é dito por Orrú (2016, p.153), quando a escola não consegue ser flexível, ela está promovendo ações excludentes.

Cunha (2017, p.29) aponta: “A observação, sem dúvida, é o primeiro passo para uma educação com resultados.” É preciso ter o cuidado de observar e conhecer os alunos. Aliado à integração, ao estímulo e à participação ativa no processo de aprendizagem por parte desses alunos, o diagnóstico precoce (descrito pelo autor como o primeiro grande instrumento da educação) pode contribuir com o processo de desenvolvimento dos indivíduos diagnosticados com o Transtorno do Espectro Autista. Os profissionais da educação, inclusive, têm sido apontados como peças fundamentais para colaborar com diagnósticos. Quanto a isso, Cunha (2018) diz que o papel do docente é fundamental para o diagnóstico, uma vez que é justamente na idade escolar que se intensifica a interação social das crianças e, mediante situações que proporcionam esse tipo de interação, é possível perceber as singularidades comportamentais do transtorno.

Os professores podem colaborar com o processo de integração, com o desenvolvimento e a aprendizagem desses alunos, afinal, como defende Orrú (2016, p.166), “o professor é o parceiro que busca conhecer melhor seu aprendiz para dele buscar o melhor que, certamente, o fará ainda melhor e contribuirá para a sociedade em geral.” Os alunos com autismo precisam de atenção especial por parte das instituições e dos professores, para que, dessa maneira, se sintam acolhidos, consigam ter uma vivência e os estímulos recomendados para a sua condição dentro do ambiente escolar.

É fato que todos nós somos diferentes. Mas também é verdade que as pessoas com autismo, além de serem diferentes como todos nós somos, possuem singularidades que precisam ser respeitadas, conhecidas, estudadas e acompanhadas com sensibilidade pelo professor para que elas não sejam motivo de exclusão, mas sim de descoberta de “portas”, caminhos, canais de comunicação que podem favorecer e promover situações de aprendizagem e expressão para esse aprendiz (ORRÚ, 2016, p.167).

Analisar as pesquisas, fontes bibliográficas e as descobertas recentes acerca do Transtorno do Espectro Autista pode ajudar grandemente com a elaboração de políticas e estratégias, visando a colaborar com a melhoria das práticas educativas que são comuns e estão presentes atualmente nas salas de aulas brasileiras. Pois, como afirma Orrú (2016, p.169):

[...] conhecer e valorizar o aprendiz com autismo como sujeito que aprende é, de certo modo, compreender o próprio aprendizado como um decurso único e significativo que é marcado pela singularidade de cada aprendiz enquanto sujeito/protagonista de seu próprio processo de aprender.

Considerando esses fatores, este trabalho tem por objetivo compreender, através dos estudos mais recentes acerca do Transtorno do Espectro Autista, quais fatores a respeito da síndrome podem afetar o processo de ensino e aprendizagem e, por essa razão, precisam ser conhecidos e considerados pelos professores e pelas instituições de ensino que receberão esses indivíduos e precisam considerar esses aspectos para assegurar a integração e o aprendizado desses alunos. Além disso, o trabalho tem o intuito de buscar compreender o nível de entendimento atual dos professores, através de pesquisa por amostragem, a respeito das características do TEA, pois, levanta-se a hipótese que muitos profissionais da educação conhecem o transtorno, mas não têm treinamento e informações suficientes para que possam atuar da maneira mais adequada com alunos que se encontrem inseridos no espectro.

É importante perceber o nível de compreensão e entendimento dos profissionais da educação atualmente com o intuito de, a partir disso, poder ver quais informações são

essenciais para que esses profissionais possam, de fato, exercer sua função como educadores, de maneira a favorecer o desenvolvimento e crescimento dos seus alunos nas áreas onde os mesmos possuem o maior grau de dificuldade. Afinal, como esclarece Cunha (2018, p.17), “O professor é essencial para o sucesso das ações inclusivas, não somente pela grandeza do seu ofício, mas também em razão da função social do seu papel. O professor precisa ser valorizado, formado e capacitado”.

É por meio da linguagem que nós interagimos e construímos o conhecimento, é por meio da interação social que os seres humanos podem aprender a ter empatia e se desenvolver de maneira integrada com o meio onde vivem. Os indivíduos que se encontram no espectro do autismo possuem um prejuízo considerável, especialmente nessas áreas tão fundamentais para o desenvolvimento. Cunha (2017, p.26), referindo-se às características de indivíduos que se encontram no espectro autista, esclarece que “Além de haver um acentuado comprometimento do uso de múltiplos comportamentos não verbais [...] que regulam a interação social e a comunicação, pode ocorrer também atraso ou ausência total do desenvolvimento da linguagem falada.” Todas essas características dificultam as interações sociais desses indivíduos. As estereotipias, tão comumente presentes, são esclarecidas por Cunha (2017, p.32) por meio de um exemplo: “Quando ela vê uma bola, por exemplo, nem sempre deseja chutá-la ou jogá-la com a mão, como as crianças normalmente aprendem, mas cria estereotipias e formas incomuns de manuseio.” O autor ainda explica que essas estereotipias prejudicam o desenvolvimento motor dessas crianças, gerando um atraso, principalmente nos movimentos finos¹.

A Lei nº 12.764/12², que institui a política nacional de proteção dos direitos das pessoas com TEA, define a síndrome como:

[...] uma deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social, manifestada por dificuldade de comunicação verbal e não verbal, reciprocidade social e dificuldade para desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento (BRASIL, 2012).

¹ Os movimentos finos se referem ao desenvolvimento da motricidade fina que, de acordo como site Educamais (<http://educamais.com/o-que-e-motricidade-fina>), é a capacidade para executar movimentos finos com controle e destreza, como, por exemplo, usar uma tesoura, um lápis, ou conseguir pintar dentro dos limites.

² BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm). Acesso em: 10 set. 2018.

Por essa razão, os indivíduos com autismo precisam de todo o auxílio dos estímulos corretos e do suporte de profissionais que compreendam esses fatores quando os mesmos estiverem inseridos no ambiente escolar.

Cunha (2017, p.33) esclarece que “O professor precisa aprender a se relacionar com a realidade do mundo autístico. Nessa relação, quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é o seu aluno.” O autor ainda ressalta que é comum encontrar professores que se preocupam com a cientificidade de suas disciplinas, mas que acabam esquecendo-se da humanidade do ofício que escolheram. Esses profissionais precisam ver o aluno para além do transtorno, precisam buscar o conhecimento primordial para colaborar com a passagem desses alunos pela escola. Dessa maneira, o profissional da educação poderá tornar essa experiência favorável e enriquecedora, permitindo que esses aprendentes possam se sentir integrados e estejam em contato com todos os estímulos favoráveis para o seu progresso, contribuindo, assim, para que esses indivíduos alcancem um desenvolvimento integrado, colaborando com a aquisição de conhecimento e permitindo que ocorra a prática constante dos mecanismos que contribuirão para que os mesmos consigam ter uma vida mais independente e autônoma no futuro. Por isso, é importante que os professores tenham o suporte das instituições de ensino, as escolas precisam estar dispostas a se preparar para receber indivíduos que se encontram no espectro do autismo, é preciso entender que o ambiente escolar necessita se adequar para que possa, de fato, ser inclusivo.

Quando a escola aceita realizar a matrícula do aluno com autismo para não ser punida legalmente, mas não se empenha em realmente proporcionar um espaço de acolhimento, permanência e participação desse aluno junto aos demais, ela não está atuando como uma escola de princípios inclusivos, pois apenas receber e aceitar esse aluno todos os dias no espaço escolar não é sinônimo de inclusão, ao revés, é uma pseudoinclusão (ORRÚ, 2016, p.153).

As instituições de ensino, escolas públicas, privadas e os cursos livres precisam se empenhar para que possam tornar o ambiente escolar inclusivo na prática, e não apenas na teoria. É necessário que a equipe seja treinada e tenha acesso a informações relevantes para a sua atuação – essa atitude possibilitará que os profissionais se sintam preparados para lidar com as especificidades que envolvem a integração de todos os alunos, levando em conta suas características pessoais e suas necessidades singulares. Cunha esclarece que:

Há hoje, no Brasil, um crescente movimento em direção à organização de espaços educativos que atendam às demandas da inclusão escolar. Documentos nacionais e internacionais produzidos nos últimos anos reconhecem a educação como direito humano, considerando as diferenças existentes entre as pessoas, trazendo a necessidade de sensíveis mudanças nas relações sociais, em distintas instituições, especialmente na escola (CUNHA, 2018, p.15-16).

Tudo isso só reforça a importância de promover e incentivar estudos e pesquisas que proporcionem uma mudança no cenário educacional atual, instrumentalizando e possibilitando o acesso ao conhecimento necessário por parte dos profissionais da área de educação, conscientizando e preparando as instituições para que possam receber alunos com o Transtorno do Espectro Autista e permitindo, dessa maneira, que esses alunos possam finalmente ter o acolhimento, a inclusão e o incentivo necessários para desenvolver suas habilidades sociais, motoras e cognitivas da maneira mais favorável possível.

Diante do exposto, entendemos que a pesquisa sobre o tema em pauta justifica-se devido à necessidade de haver mais informações e esclarecimento a respeito dos aspectos fundamentais para colaborar com a atuação dos profissionais da educação no ambiente escolar, a fim de que os mesmos possam estar preparados para acolher os alunos que se encontram no espectro autista e irão ingressar nas instituições de ensino, demandando atenção e cuidados específicos. Assegurar o acolhimento e a aprendizagem de seus alunos faz parte das atribuições dos profissionais da educação, e, para que isso ocorra, esses profissionais precisam ter acesso às informações que permitirão que os mesmos possam rever suas práticas em sala de aula, adaptando-as da melhor maneira para garantir o atendimento das necessidades individuais de cada um dos aprendentes.

Este trabalho aborda o tema relacionado ao acolhimento do aluno com Transtorno do Espectro Autista no ambiente escolar, focando especialmente na importância do preparo das instituições de ensino e no papel do professor durante o processo de inclusão e adaptação desses alunos, analisando as descobertas atuais acerca do aprendizado e desenvolvimento de crianças com o TEA, verificando como o nível de compreensão dos educadores, assim como o preparo do ambiente escolar, podem facilitar o processo de aprendizagem desses indivíduos, recorrendo também sobre a importância da utilização da afetividade em sala de aula para garantir a criação de um vínculo positivo com o processo de aprendizagem.

Cunha (2018, p.37) afirma que “As políticas oficiais em nosso País têm reconhecido o processo de inclusão como uma ação educacional que tem por meta possibilitar o ensino de acordo com as necessidades do indivíduo.” O autor esclarece que essas políticas buscam

possibilitar o suporte aos serviços oferecidos de forma eficiente, através da formação e da atuação dos professores. Com a compreensão do nível de entendimento dos profissionais da educação por meio de pesquisa por amostragem, será possível identificar as informações relevantes que ainda precisam ser reforçadas nesse meio, permitindo, assim, que esses profissionais tenham o conhecimento necessário e se sintam capazes de acolher, integrar e proporcionar, com o auxílio de instituições de ensino preparadas, um processo de aprendizagem mais eficiente e estimulante para os alunos que se encontram no espectro autista.

CAPÍTULO I – O ESPECTRO AUTISTA

As causas para o autismo ainda são desconhecidas, apesar de muitas hipóteses já terem sido levantadas ao longo dos anos, todas sem uma comprovação concreta. Surian (2010, p.99) destaca que “Não há cura para o autismo, mas existem muitas técnicas e atividades educativas que podem ajudar a criança em seu caminho para um suficiente autocontrole, uma maior independência e, em geral, uma vida melhor.” Muitas pessoas se equivocam, achando que existe uma cura para o autismo, quando a chave para auxiliar os indivíduos que se encontram no espectro é justamente tentar compreender suas características e peculiaridades para poder, dessa forma, proporcionar os estímulos necessários para que os mesmos possam se desenvolver da melhor maneira, tendo suas características individuais respeitadas. Vargas (2014, p.167) ressalta que, “Quanto ao gênero, observa-se uma prevalência do autismo no sexo masculino, havendo uma estimativa de que ele acomete de três a quatro meninos para cada menina.” Em grande parte, os indivíduos do sexo feminino se encontram no extremo mais severo no espectro.

É importante perceber que o transtorno deve ser visto como um espectro justamente por existirem alterações comportamentais que apresentam graus variados, indo desde o grau mais leve até o mais severo de comprometimento, podendo, muitas vezes, estar associado a outros prejuízos que afetam o desenvolvimento típico na criança. Cunha (2017, p.20) esclarece que “Não há padrão fixo para sua manifestação, e os sintomas variam grandemente.” Essas particularidades fazem com que não exista um padrão exato para o comportamento, assim como para os níveis de comprometimento dos indivíduos com autismo, fazendo com que o diagnóstico não seja algo tão simples de se obter. Vargas (2014, p.172) explica que, “Mesmo o transtorno autista sendo associado a diversos problemas neurológicos e/ou neuroquímicos, não existe ainda nenhum exame que possa detectar a sua origem.” Sendo assim, deve-se observar em conjunto uma série de características e sintomas, envolvendo desde a dificuldade de imaginar, de expressar necessidades, de se relacionar com o outro, a comunicação e comportamentos atípicos, além de outros sinais, para que se possa ter segurança na hora do diagnóstico.

Segundo Cunha (2017, p.20), “O autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas.” Ainda se referindo ao tema, Cunha (2017, p.23) esclarece sobre os quadros de autismo leve: “A maioria dos indivíduos é

de inteligência global normal, mas é comum que seja desarticulada, com habilidades raras e dificuldades extremas”. A síndrome apresenta sinais diferentes de caso para caso, alguns sinais, inclusive, podem ser percebidos muito cedo se os responsáveis por acompanhar a criança tiverem o conhecimento necessário para notar comportamentos atípicos para cada fase do desenvolvimento e conseguirem fazer os devidos encaminhamentos precocemente.

A intervenção precoce colabora para que os indivíduos possam começar a receber o acompanhamento e os estímulos adequados sugeridos por profissionais desde seus primeiros anos de vida. Cunha (2017, p.29) ainda destaca que “A atuação dos profissionais da escola é fundamental, uma vez que muitos casos de autismo foram percebidos primeiramente no ambiente escolar.” Em se tratando das instituições de ensino, o autor ainda alerta que, “Na escola, devem-se utilizar o afeto e os estímulos peculiares do aluno para conduzi-lo ao aprendizado, porque, na educação, quem mostra o caminho é quem aprende e não quem ensina.” Os profissionais da educação precisam, acima de tudo, estar dispostos a perceber seus alunos e a colaborar com o seu aprendizado, respeitando suas características individuais. Tais medidas colaboram muito com o desenvolvimento mais adequado desses alunos, o que trará resultados cruciais para o processo de aprendizagem, o desenvolvimento da linguagem e a melhoria das interações sociais. Infelizmente, a realidade atual ainda está muito longe disso, a falta de informação dos pais, a falha na comunicação entre educadores e a família dos alunos, e o despreparo dos profissionais têm retardado os diagnósticos, e esse tem sido o principal obstáculo para o desenvolvimento dos indivíduos com o transtorno.

Considerando especificamente os diagnósticos feitos no Brasil, Teixeira (2017, p.20) esclarece que, “Enquanto a média de idade de diagnóstico nos Estados Unidos é de cerca de 3 anos [...], no Brasil os indivíduos são diagnosticados por volta dos 8 anos de idade e acabam tendo um prognóstico muito pior”. Cunha (2017, p.19) esclarece que as incertezas acerca dos sintomas da síndrome, muitas vezes, dificultam o diagnóstico precoce. Nesse sentido, profissionais da educação bem informados podem colaborar com o diagnóstico precoce, pois, como defende Cunha (2018, p.25), “A formação do educador e o seu conhecimento científico a respeito do assunto tornam-se essenciais para a identificação da síndrome. Da mesma forma, sua capacitação pedagógica no exercício docente possibilitará uma educação adequada”. O autor ainda reforça a ideia de que a atuação dos professores na escola é fundamental, uma vez que muitos casos de autismo são percebidos primeiramente nesse ambiente.

Considerando essas questões, difundir o conhecimento a respeito do Transtorno do Espectro Autista seria fundamental para garantir que mais crianças pudessem atingir todas as

suas potencialidades por meio dos estímulos adequados aplicados precocemente. É fundamental perceber também que as instituições de ensino possuem um papel fundamental nas medidas necessárias para o desenvolvimento desses indivíduos. Como a linguagem e a interação social são justamente as habilidades que, geralmente, são mais prejudicadas nas crianças com o Transtorno do Espectro Autista, é essencial que os profissionais de ensino entendam a importância do planejamento de estratégias que colaborem com o desenvolvimento das mesmas, pois só dessa forma as escolas se tornarão mais inclusivas, proporcionando um ambiente verdadeiramente favorável para o aprendizado.

Entretanto, sabemos que, para a instituição de ensino atender a esses propósitos, deverá possuir adequação e organização concernentes à diversidade discente. Não somente isso, mas, ao quadro docente, deverá ela conceder as condições essenciais de trabalho e possibilitar a constante atualização dos seus profissionais; caso contrário, os resultados podem não ser tão positivos (CUNHA, 2017, p.99).

A adequação do ambiente escolar é fundamental para assegurar a integração dos alunos com TEA. Estar inserido no contexto escolar é a opção mais adequada para proporcionar a esses indivíduos a oportunidade de interagir com uma diversidade de pessoas que colaborarão para estimular suas habilidades sociais, além de garantir que os alunos com o transtorno tenham a garantia das mesmas oportunidades que outras crianças. De acordo com o Art. 58 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional³ (BRASIL, 1996),

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Sobre esse tema, Cunha (2018, p.15) ainda deixa claro que, “O ensino e a aprendizagem escolar são dois movimentos que se ligam na construção do conhecimento.” A construção do conhecimento tem que ser o objetivo das instituições de ensino, e esse ideal só pode ser colocado em prática se, de fato, essas instituições estiverem dispostas a organizar os seus ambientes e a preparar seus profissionais de maneira favorável à inclusão e ao acolhimento de todos os alunos, sem distinção.

Considerando os estudos recentes acerca do TEA, Teixeira (2017, p.29) aponta que “Os transtornos do espectro autista apresentam uma incidência estimada de 1% das crianças e adolescentes em todo o mundo, segundo diversas pesquisas internacionais realizadas nos

³ BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 22 out. 2018.

Estados Unidos, na Europa e na Ásia.” Isso representa um número crescente de indivíduos que atingem a idade escolar e chegam às instituições de ensino em busca de seu direito à educação, assim como o direito de integração, interação social e desenvolvimento de suas habilidades cognitivas, sociais e motoras. A questão que mais tem atrapalhado esse processo tem sido a falta de preparo e informação acerca do TEA pelos profissionais que trabalham com educação. Apenas no ano de 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Nº 9.394, enfatizou a valorização da educação inclusiva, afirmando que a educação especial deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, então, claramente o processo de adaptação dos espaços das escolas regulares ainda não está em um patamar ideal e precisa de adaptações para que possam, definitivamente, se tornarem ambientes verdadeiramente inclusivos.

Para Vargas (2014, p.181), “Pensar em inclusão é repensar a integração buscando alternativas que possibilitem o direito à educação de crianças e adolescentes, repensando as práticas educativas, viabilizando recursos que favoreçam o fazer inclusivo.” Dessa forma, a adequação para acolher os indivíduos torna-se essencial para que os mesmos possam desenvolver suas capacidades da melhor maneira, de acordo com suas necessidades. Cunha (2017, p.32) esclarece que, “A educação nas escolas inclusivas, independentemente do grau de severidade, deve ser vivenciada individualmente na sala de recursos e na sala de ensino comum, favorecendo a sociabilidade, porque incluir é aprender junto.” Os profissionais da educação precisam buscar constantemente conhecer mais a respeito de cada um de seus alunos, para que, dessa maneira, possam estar sempre reavaliando as suas práticas de ensino e procurando alternativas que possam atender às necessidades dos aprendentes, levando em conta que, para que isso se torne possível, é necessário que esses profissionais recebam o devido apoio das instituições de ensino. Só assim esses objetivos poderão ser alcançados.

CAPÍTULO II – O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL DO AUTISTA

O indivíduo com autismo tem toda a capacidade de aprender. As diferenças que o mesmo apresenta, especialmente no que se refere às interações sociais, apenas exigem que o processo de ensino seja diferenciado, para poder acomodar suas necessidades, garantindo, assim, o aprendizado. Como defende Orrú (2012, p.32), “Muitas das alterações apresentadas por crianças autistas ocorrem em razão da falta de reciprocidade e compreensão na comunicação, [...]”, e isso acaba afetando a conduta, as interpretações e, conseqüentemente, as interações desse indivíduo com o meio e com os outros. Levando em consideração as peculiaridades características do Transtorno do Espectro Autista, é possível estabelecer estratégias e atividades que facilitem o processo de aprendizagem.

A criança autista geralmente aprecia que as atividades cotidianas sigam uma rotina familiar, aumentando assim a previsibilidade dos acontecimentos, e é capaz de sentir verdadeiro prazer na repetição de atos simples e percursos familiares. A insistência em seguir essas rotinas pode em muitos casos se tornar um obstáculo para o desenvolvimento e a adaptação porque não deixam que a criança experimente novas situações de aprendizagem, marginalizando-a socialmente e ocupando-a por longos períodos de tempo em atividades improdutivas. As rotinas, porém, assumem uma função calmante fundamental pela qual, às vezes, em vez de ser um obstáculo para seu desenvolvimento, constitui-se uma facilitação importante (SURIAN, 2010, p.18).

Da mesma forma que conhecer as peculiaridades de alunos com desenvolvimento típico facilita o planejamento de aulas que os motivem e garantam a efetividade do processo de aprendizagem, informar-se a respeito do Transtorno do Espectro Autista pode trazer grandes vantagens para todos os profissionais da educação, uma vez que os mesmos, muito provavelmente, irão se deparar com alunos com autismo durante seus anos de atuação, e esses alunos precisarão justamente do auxílio desses profissionais bem informados, que possam assegurar a integração dos mesmos com o grupo e com o ambiente escolar. Só é possível encontrar uma maneira positiva de aproveitar as características do indivíduo com autismo, para favorecer o processo de aprendizagem, se os profissionais da educação tiverem o conhecimento necessário acerca dessas características específicas e de suas necessidades.

Como argumenta Serra (2018, p.31), “Vamos lembrar disso: aprendizagem é desenvolvimento, e desenvolvimento gera ainda mais aprendizagem.” Se a inclusão de crianças com TEA que chegam às escolas apenas tiver o foco de inseri-las no ambiente, sem pensar em técnicas e estratégias que possam colaborar com o seu desenvolvimento, essa

medida não irá adiantar. O respeito e o cuidado com os alunos só acontecem se todos forem tratados com igualdade, dentro das peculiaridades individuais. Dessa forma, todos os alunos serão vistos como aprendentes, da maneira que devem ser encarados. A capacidade de aprender não deve ter base nas limitações dos alunos, mas sim em suas capacidades e em todo o potencial que eles têm para crescer. Apenas com esse tipo de pensamento será possível planejar estratégias que, de fato, colaborem com o desenvolvimento e com a inclusão real desses alunos no ambiente escolar. Cunha (2017, p.101) ainda ressalta que “Será infrutífero para o educador aprender sobre dificuldades de aprendizagem e modos de intervenção psicopedagógica se não conseguir incluir o aluno.”

É importante ressaltar que os profissionais da educação precisam estar preparados para compreender as nuances no processo de ensino, não existe a possibilidade de ter uma única fórmula e um passo a passo ideal para assegurar o aprendizado de todos os alunos, especialmente levando em consideração o fato de existirem tantas formas de aprender e características tão diferentes de um aluno para o outro. Não seria diferente no caso de alunos com TEA, o aprendizado dos mesmos só será assegurado quando os profissionais envolvidos no processo de ensino estiverem dispostos a rever e adaptar suas práticas, conseguindo enxergar as potencialidades dos mesmos.

Utilizar-se dos afetos naturais do aluno com autismo para educá-lo é canalizar suas emoções para o processo pedagógico. É trazer para o campo da educação o seu interesse e amor. As emoções deflagram mecanismos na memória que ajudam a conservação do aprendizado escolar. Um aluno que ama aprender aprende melhor; um professor que ama ensinar ensina melhor CUNHA (2018, p.100).

Aprender sobre os interesses dos alunos e compreender o que os motiva é um passo fundamental para despertar o interesse do aluno pelo aprendizado. Serra (2018, p.42) diz que “O olhar é um gesto importante para a aprendizagem, na medida em que através dele saberemos se a percepção visual está sendo usada como um canal para a recepção de informações, e a coordenação visomotora poderá desenvolver-se.” Pelo fato de a grande maioria dos indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista terem dificuldade de olhar diretamente nos olhos de outras pessoas, um profissional que não tenha conhecimento acerca dessa peculiaridade pode falhar em estimular a recepção de informação, ou até mesmo achar que o aluno não está colaborando ou prestando atenção, por isso é essencial buscar informações a respeito do transtorno e procurar conhecer as características individuais dos alunos. Outras características importantes precisam ser levadas em conta pelos profissionais

da educação, como o fato de indivíduos com TEA também apresentarem dificuldade de compreender o sentido das expressões faciais do interlocutor, o que pode tornar a comunicação e a percepção do que é esperado dele mais complicadas nos momentos iniciais, e o fato de eles terem mais dificuldade em apresentar um comportamento de atenção compartilhada, o que faz com que não consigam compartilhar a atenção com outra pessoa tão facilmente no momento em que os dois estiverem realizando uma atividade juntos.

Cunha (2017, p.28) deixa claro que “O padrão de comportamento autístico toma a forma de uma tendência que impõe rigidez e rotina a uma série de aspectos do funcionamento diário, tanto em atividades novas como em hábitos familiares e brincadeiras.” Sendo assim, também é importante que os profissionais da educação compreendam que estabelecer uma rotina específica em sala de aula pode se tornar uma estratégia muito produtiva quando se tem alunos com TEA, pois isso ajuda para que eles consigam compreender mais facilmente a sequência da aula e, conseqüentemente, possam ficar menos ansiosos e mais conectados com o que está acontecendo durante as atividades.

Com relação aos conteúdos abordados, os professores precisam entender que nunca se deve subestimar a capacidade de aprendizagem dos alunos, mesmo daqueles que porventura necessitem de atenção e cuidados mais direcionados. Nesse sentido, pode haver uma adaptação na forma de transmitir os conteúdos previstos, assim como a forma de avaliar também pode ser reconsiderada e alterada. Porém, não é correto privar um aluno de ter acesso aos conteúdos porque julga-se que o mesmo não conseguirá acompanhar algum assunto específico.

Essa proposta que busca tornar o currículo mais acessível implica alterações nos conteúdos em diferentes áreas do conhecimento, pode impactar negativamente no processo formativo dos estudantes. [...] excluir conteúdos sem obedecer a critérios e aspectos que mantenham conceitos nucleares para o processo formativo dos alunos, pode prejudicar a aprendizagem e o desenvolvimento psíquico (OLIVEIRA JUNIOR, 2015, p.1550).

Desde que se tenha o interesse de buscar conhecimento, a oportunidade de encontrar maneiras de auxiliar e estimular o desenvolvimento adequado desses alunos se torna uma tarefa possível.

2.1 Aquisição da linguagem

Uma das grandes barreiras para o aprendizado da criança autista encontra-se na aquisição atípica da linguagem que, se não for bem administrada, acaba sendo vista como um fator que prejudica o processo e dificulta o trabalho do educador.

Orrú (2012, p.32) diz que, “Não apenas autistas em situação de maior comprometimento, mas também autistas de alto funcionamento apresentam problemas em sua comunicação, podendo manifestar ecolalias e uso estereotipado da fala.” Sendo assim, comumente, os indivíduos com autismo apresentam o desenvolvimento da linguagem com algumas diferenças se comparado ao que é considerado típico, mesmo aqueles que estão no extremo denominado leve do espectro. Justamente por essa razão, é tão importante ter o conhecimento e todas as informações relevantes a respeito do TEA antes de incorporar estratégias que favoreçam o desenvolvimento e a aquisição da linguagem desses indivíduos no processo de aprendizagem.

Muitas das alterações apresentadas por crianças autistas ocorrem em razão da falta de reciprocidade e compreensão na comunicação, afetando, além da parte verbal, as condutas simbólicas que dão significados às interpretações das circunstâncias socialmente vividas, dos sinais sociais e das emoções nas relações interpessoais (ORRÚ, 2012, p.32).

No processo de ensino, encontrar a maneira adequada para estabelecer a comunicação com os alunos com autismo é certamente um dos maiores desafios, mas também, a partir do momento em que se encontra essa forma de comunicação, criar um vínculo positivo desses alunos com a aprendizagem e planejar atividades que consigam estimular a aquisição do conhecimento se torna muito mais simples. Uma dificuldade de um aprendente não pode ser vista como uma limitação, e é importante que as práticas de ensino não fiquem estagnadas, os professores devem refletir sempre sobre suas práticas de sala de aula e buscar compreender a necessidade de seus alunos.

Teixeira (2017, p.27) afirma que, “Apesar de todas as dificuldades linguísticas apresentadas por essas crianças, muitas delas podem aprender a falar pequenas frases e ser capazes de seguir instruções simples, enquanto outras podem apresentar falas complexas e rebuscadas.” Isso reforça o grande leque de diferenças que podem existir no desenvolvimento e nas necessidades específicas de cada indivíduo, tenha ele autismo ou não. Por essa razão, é importante ressaltar quão essencial é a busca constante dos profissionais da educação para conhecer a individualidade de cada um de seus alunos, essa é a única maneira de planejar

estratégias focadas nas potencialidades individuais para, dessa forma, estimular o desenvolvimento máximo dos aprendentes.

O ensino de códigos linguísticos não deve procurar deter-se rigidamente aos princípios de condicionamento porque é muito improvável que estes possuam um papel central na aprendizagem linguística, tanto nas crianças com desenvolvimento típico quanto naquelas com autismo (SURIAN, 2010, p.117).

A questão principal a ser considerada é que o profissional da educação precisa ter a sensibilidade de buscar conhecer seus alunos, a individualidade de cada um de seus aprendentes, para que, dessa maneira, possa explorar as melhores alternativas para estimular um aprendizado significativo. Afinal de contas, ensinar não é apenas transmitir conteúdo, mas se importar com o aprendizado daqueles que estão sendo ensinados, o educador é aquele que não mede esforços para proporcionar o crescimento dos seus alunos.

Ainda sobre a aquisição da linguagem, Surian (2010, p.117) afirma que “O ensino léxico deveria se iniciar com aqueles vocábulos que têm uma maior utilidade para as atividades cotidianas da criança e para as quais será mais fácil encontrar um interesse espontâneo.” Tentar alfabetizar uma criança que já tem dificuldade de manter o foco por meio de palavras que não são relevantes, ou que não têm significado dentro do cotidiano desse aluno, por exemplo, pode prejudicar grandemente esse processo de aprendizagem, fazendo com que a criança não se interesse e não consiga estabelecer um vínculo com o conteúdo que lhe está sendo transmitido. Só conhecendo o aprendente e suas necessidades, faz-se possível proporcionar ao mesmo um aprendizado mais significativo, que realmente o estimule a buscar o conhecimento e faça com que possa compreender a importância daquilo que está estudando para a sua vida. Essa questão, inclusive, deve ser levada em conta com relação ao aprendizado de todo aluno, não apenas dos que se encontram no espectro.

Embora tenha características peculiares no que se refere à síndrome, suas manifestações comportamentais diferenciam-se segundo seu nível linguístico e simbólico, quociente intelectual, temperamento, acentuação sintomática, histórico de vida, ambiente, condições clínicas, assim como todos nós. Portanto, nem tudo que venha dar resultado para uma pessoa com autismo serve de referência positiva à outra pessoa com a mesma síndrome (ORRÚ, 2012, p30-31).

Como mencionado anteriormente, os indivíduos com TEA não possuem um perfil com características fechadas, os comprometimentos variam muito em cada caso e dependendo do local onde o mesmo se encontra dentro do espectro. Dessa forma, não há como estabelecer

procedimentos padrão. Exatamente por isso, o papel do professor e o seu nível de conhecimento acerca de seus alunos torna-se fundamental. Da mesma maneira que indivíduos com desenvolvimento típico precisam de atenção direcionada e ajustes nas práticas de ensino que visem a seu desenvolvimento ideal e a sua aprendizagem, essa realidade não muda quando se trata de alunos com autismo.

2.2 Aprendizagem formal

Considerando a aprendizagem formal, cabe aos responsáveis pela criança autista decidir se preferem colocá-las em escolas especiais, ou se preferem integrá-las a escolas regulares. O Art. 1 do capítulo IV da Lei Nº 13.146⁴, referente ao direito à educação da pessoa com deficiência, define que todos têm o direito a um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, então, cabe aos que acompanham o desenvolvimento das crianças perceberem, de acordo com as peculiaridades que esses indivíduos apresentam, qual ambiente será mais benéfico.

A forma como a sociedade interage com as pessoas com deficiência se modificou e vem se transformando ao longo da história. Muitos foram considerados incapazes, inválidos, inferiores, antes que fossem vistos como cidadãos de direitos e deveres [...]. Somente com a modificação da sociedade, propiciada pela interação com as pessoas com deficiência, é que se pode vislumbrar uma sociedade mais fraterna e cooperativa (LIMA, 2006, p. 27).

Justamente considerando o ideal de uma sociedade mais cooperativa, muitos estudiosos acreditam que é por meio da inclusão em escolas regulares que os indivíduos com TEA terão a oportunidade, através da interação com pessoas diferentes, de desenvolverem suas habilidades da melhor maneira. Mantoan (2006, p.6) diz que, “se ainda não é do conhecimento geral, é importante que se saiba que as escolas especiais complementam, e não substituem a escola comum”.

Dependendo das áreas comprometidas do indivíduo que se encontra no espectro autista, ele precisará do auxílio de diferentes profissionais, e recursos que proporcionem o estímulo adequado para um desenvolvimento mais completo, porém, o papel da escola no que

⁴ BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015 (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em: 02 dez. 2018.

se refere à socialização é crucial. Ao falar sobre crianças com TEA em escolas especiais, Orrú destaca:

Na maioria das vezes, a criança com autismo convive em uma sala de aula com mais duas ou três crianças com o mesmo perfil. A criança exposta a essa situação não tem referências sociais que a auxiliem a superar suas dificuldades, as quais costumam ser relatadas nos critérios diagnósticos, pois seus colegas manifestam as mesmas características que ela própria apresenta (ORRÚ, 2012, p.53).

Estimular a interação social é algo fundamental para o desenvolvimento de pessoas com autismo, já que essa é justamente uma das áreas mais comprometidas daqueles que se encontram no espectro. Se o indivíduo é segregado e, conseqüentemente, privado da oportunidade de ter contato com outros aprendentes que tenham desenvolvimento típico, dificilmente terá a possibilidade de receber os estímulos necessários para criar mecanismos que colaborem com o desenvolvimento de suas habilidades sociais. A autora ainda afirma:

Tampouco, creio que a escola ou as secretarias de educação tomarem decisões de segregar alunos em classes especiais ou destiná-los a instituições especializadas a partir de laudos diagnósticos fundamentados em aspectos biológicos e em supostos transtornos de aprendizagem, justificando dessa forma cruel de dominação e poder que tipo de “escola” ou atendimento é melhor para tais alunos seja algo aceitável para um país que se diz signatário de documentos internacionais que priorizam a diversidade e a inclusão socioeducacional de todos os alunos. Essas ações são excludentes e precisam ser superadas, transcendidas pela sociedade, por todos nós (ORRÚ, 2016, p161-162).

Direcionar crianças com TEA para instituições especializadas é, para alguns estudiosos do tema, além de uma forma de segregação desses alunos, atestar que as escolas não têm formas de buscar melhoria e capacitação para dar o suporte necessário a esses indivíduos, estimulando o seu desenvolvimento. É preciso ter a consciência de que esse pensamento não é verdadeiro, as escolas precisam buscar maneiras de se adequar às necessidades de seus alunos, uma vez que a missão de toda instituição de ensino deve ser sempre estimular o aprendizado e o desenvolvimento daqueles que por elas passam. Todos têm direito à educação, ao aprendizado que respeita as necessidades e possibilita a interação com pessoas que se encontram em situações e realidades diferentes. Essa é uma maneira muito eficaz de promover a expansão da visão de mundo dos indivíduos, ensinando coisas que vão além do conteúdo, evidenciando a importância de respeitar e lidar com as diferenças. A inclusão dos alunos com o Transtorno do Espectro Autista é fundamental para que esses

indivíduos possam ter a oportunidade de se desenvolver plenamente e, para os alunos com desenvolvimento típico, também é uma oportunidade de desenvolverem-se como cidadãos.

Como Serra (2018, p.26) esclarece: “O conceito de inclusão educacional costuma ser reduzido à convivência, sem que a aprendizagem formal com adaptações curriculares e a formulação de um Plano Educacional Individualizado ocupem as prioridades nos planos pedagógicos.” Sendo assim, fica claro que não basta apenas dar aos indivíduos com TEA o acesso às escolas, é necessário que os profissionais da educação como um todo estejam comprometidos com a ideia de proporcionar aos seus alunos um ambiente verdadeiramente estimulante e inclusivo. A aprendizagem não pode estar limitada a técnicas reduzidas, que não atendem a todo tipo de necessidade, os currículos não podem ser inflexíveis e deixar de levar em conta a complexidade dos indivíduos, é preciso que as escolas estejam preparadas para fazer adaptações e que os professores tenham sempre a preocupação de conhecer seus alunos, para que possam desenvolver Planos Educacionais Individualizados que possam colaborar com o crescimento dos aprendentes.

Ainda que as políticas educacionais apresentem a educação como uma condição básica para o desenvolvimento de qualquer ser humano, Serra ressalta:

É sabido que, nos dias de hoje, a formação docente não comporta tanta diversidade encontrada nas salas de aula e, ainda que os cursos de formação de professores tivessem uma duração absurda de duas décadas, nada daria conta da diversidade humana e das diferentes formas de ensinar e aprender (SERRA, 2018, p.31).

Sendo assim, é correto afirmar que o trabalho do professor exige adaptações constantes, e, para que isso seja possível, uma vez que essa profissão exige tanto empenho e dedicação, as instituições de ensino precisam estar preparadas para auxiliar esses profissionais e facilitar esse processo de melhoria ininterrupta. Cada indivíduo possui características próprias e particulares, isso não seria diferente com os alunos e suas necessidades, portanto, para que o processo de aprendizagem seja sempre eficiente, é indispensável que o mesmo seja visto como algo que pode estar sempre sujeito a adaptações e melhorias, com o foco vital no resultado mais importante, que é o aprendizado dos alunos.

CAPÍTULO III – O PAPEL DO AFETO E DA ESCOLA

São muitos os especialistas que defendem o aspecto potencializador das emoções quanto ao aprendizado. Em um contexto de ensino e aprendizagem, é importante que o ser humano seja sempre visto em sua totalidade. Tanto a construção do cognitivo individual quanto a construção dos aspectos afetivos precisam ser levados em conta no processo de aprendizagem, pois aprender se torna uma tarefa muito mais difícil quando o lado afetivo e, conseqüentemente, o funcionamento psicológico dos indivíduos é prejudicado ou é desconsiderado.

Não existe uma aprendizagem meramente cognitiva ou racional, pois uma criança que vivencia problemas no seu meio familiar, por vezes, não consegue abstrair nem se concentrar na escola. O inverso também ocorre. Por exemplo, uma criança que sente dificuldades em aprender pode começar a sentir baixa autoestima, que se traduz em uma imagem negativa de si própria, e isso pode prejudicar ainda mais (CASTANHEL, 2014, p.268 e 269).

As emoções e a aprendizagem estão ligadas, o contexto em que o aluno está inserido irá influenciar a sua percepção de si mesmo e a sua percepção de aprendizagem, toda a vivência dos indivíduos influencia a forma com que os mesmos encaram e percebem o ambiente ao seu redor. Da mesma maneira que a vida fora da escola pode influenciar o desempenho de um aluno, suas experiências dentro de sala de aula também podem fazer com que sua visão de ensino, noção de limites, suas capacidades e potencialidades se modifiquem ou fiquem prejudicadas. Exatamente por essa razão, Castro (2015, p.16) defende que “Viver em um ambiente afetivo e estabelecer limites de forma adequada são elementos essenciais para uma educação de qualidade”.

Os ambientes de convívio e as emoções que acabam sendo afloradas dentro desses espaços têm influência direta no tocante à relação dos indivíduos com a aprendizagem. Tanto no ambiente familiar quanto na escola, as crianças criam vínculos positivos ou negativos com o aprendizado de algo novo, dependendo da forma como esse contato com o aprendizado acontece, se de maneira prazerosa ou não.

O aspecto afetivo é um dos fatores que está relacionado às dificuldades de aprendizagem que advém de conseqüências emocionais, dificultando o desempenho dos alunos nas atividades. Essa dificuldade gera mais e mais conseqüências na parte emocional da criança, resultando em uma reflexão de incapacidade produzida pela própria criança (CASTANHEL, 2014, p.268).

Se o ambiente promovido dentro da sala de aula, e até mesmo da escola como um todo, for hostil e tiver o foco na competição, muito provavelmente, grande parte dos alunos apresentará sinais de dificuldade de aprendizagem, o que ficará refletido também em um rendimento insatisfatório. A aprendizagem que ocorre em um ambiente afetivo colabora para que as potencialidades de cada aprendente sejam vislumbradas antes mesmo do que suas dificuldades, a vontade verdadeira de conhecer o aluno permite o planejamento de diretrizes que contribuem para manter a motivação do grupo e de cada um dos indivíduos que o compõem, o cuidado direcionado assegura que os alunos terão um espaço seguro, onde serão respeitados e ganharão cada vez mais confiança.

Castanhel (2014, p.271) assegura que, “Se quisermos que nossos alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento e cheguem ao aprendizado, devemos fazer com que as atividades escolares sejam emocionalmente estimuladas.” Os alunos precisam se conectar de forma positiva com o que estão aprendendo, é preciso que o professor consiga proporcionar a oportunidade do surgimento desse vínculo, aproximando os conteúdos da realidade dos alunos, para que dessa maneira os assuntos trabalhados se tornem mais relevantes. Além disso, alunos que conseguirem estabelecer esse vínculo afetivo e positivo com o aprendizado se sentirão muito mais estimulados e interessados pelo aprender.

É importante refletir sobre a importância da afetividade em uma sala de aula, de modo que os alunos possam ser compreendidos, aceitos e respeitados e que os professores possam entender seus sentimentos e ter sensibilidade para ouvi-los, dialogar com eles e apoiá-los a fim de que busquem superar as suas dificuldades (CASTANHEL, 2014, p. 282).

Na realidade atual, em que, na grande maioria das escolas, o número de alunos por sala de aula é muito superior ao que seria ideal, muitas vezes, é difícil conseguir perceber cada um dos alunos, porém, ainda assim, é papel do professor continuar sempre buscando maneiras para atingir esse objetivo. O educador deve buscar criar sempre um clima de igualdade com seus grupos de alunos, onde os aprendentes se sintam seguros e confiantes para se expressar sem distinção de oportunidades, pois só assim a aprendizagem será verdadeiramente favorável para todos.

O professor deve ser coerente, saber distinguir as fases da criança e como trabalhá-las, não esquecendo suas características individuais e suas condições de vida, proporcionando, assim, uma aprendizagem prazerosa. A sala de aula deve ser um ambiente de cooperação, um espaço de trocas e vivências, onde os alunos que dominam uma dada atividade contribuam com o aprendizado dos outros. Existindo uma colaboração entre ambos, eles construirão um ambiente afetivo (CASTANHEL, 2014, p. 278).

Muito além da compreensão de que, na posição de educador, deve haver a dedicação de sempre buscar se informar mais a respeito das novas descobertas relacionadas ao aprendizado, é preciso também transmitir aos alunos a ideia de que o aprendizado se constrói em conjunto e por meio da interação com os outros, sendo necessário que cada aluno se perceba como parte fundamental do processo de aprendizagem. Dessa maneira, os alunos não apenas conseguirão perceber a importância de sua própria atuação para a sua aprendizagem individual, como também perceberão a oportunidade de serem agentes influenciadores com a possibilidade de contribuir positivamente com o aprendizado de seus colegas. O professor precisa ser o condutor e organizador de todos esses processos para garantir o desenvolvimento do ambiente mais favorável em sua sala de aula.

Mesmo o professor sendo o legítimo representante do processo sistematizado do aprender, muitas vezes não sabe por que alguns apresentam dificuldades de aprendizagem. Com isso, a necessidade de o professor ser, cada vez mais, um pesquisador incansável e conhecedor da importância da afetividade no contexto escolar. Conhecer mais e mais as questões que envolvem a aprendizagem e também ser capaz de pensar relações e propor soluções para o educando chegar ao conhecimento (CASTANHEL, 2014, p.267).

O trabalho do professor é fundamental, constante e interminável. Esses profissionais precisam ter a percepção de todos os desafios que permeiam a responsabilidade de atuar na área de educação. O aprendizado pode mudar completamente a percepção de um indivíduo a respeito do mundo, por isso, as questões envolvendo a educação sempre trazem implicações tão cruciais e sérias. As crianças com necessidades específicas que chegam às instituições de ensino, como aquelas que se encontram inseridas no Transtorno do Espectro Autista, precisam de profissionais que compreendam o peso de sua atuação no desenvolvimento de seus alunos. Buscar informação acerca das melhores estratégias de ensino e aprendizagem e a influência da afetividade para a integração com o grupo e assimilação dos conteúdos são os passos iniciais para assegurar a passagem prazerosa e verdadeiramente enriquecedora desses indivíduos pela escola.

3.1 A contribuição da afetividade para o desenvolvimento da criança autista

Amaral (2017, p.135) destaca que “Tudo indica que a aprendizagem está intimamente ligada à afetividade, ao desejo.” O desejo de aprender é fundamental para que o aprendizado realmente aconteça. O interesse pelo aprendizado só pode ser despertado quando o indivíduo se sente acolhido e quando o ambiente é favorável para que o aprendizado ocorra.

O processo de aprendizagem é acompanhado por sentimentos, envolvendo o domínio do conhecimento na forma de fatos, figuras e pensamentos. A emoção ativa a atenção (o componente primário e mais vital de qualquer ato de aprendizagem ou processamento da informação), que depois desencadeia a memória de curto prazo e longo prazo e, eventualmente, torna o processo de aprendizagem possível (RELVAS, 2017, p. 38).

As emoções influenciam o processo de aprendizagem. Se o foco do ensino não estiver nas necessidades do aluno, se as questões que o motivam e a sua necessidade de integração com o grupo não forem consideradas, certamente, esse aluno associará o aprendizado com uma carga de sentimentos e emoções negativas que irão prejudicar o processo. Sendo assim, é de fundamental importância criar um ambiente favorável, que proporcione a associação do aprendizado com emoções boas e que estimulem a motivação do aprendente.

Amaral (2017, p.136) enfatiza que “[...] quando o indivíduo está em processo de aprendizagem, o ambiente interfere muito em sua emoção.” Em especial quando os profissionais da educação estão lidando com indivíduos que se encontram no espectro autista, é essencial proporcionar um ambiente que favoreça o desenvolvimento de suas habilidades da melhor maneira, tornando o processo agradável e uma experiência verdadeiramente significativa. Se esse esforço não for feito, a tendência é que a criança com autismo não se enquadre no ambiente escolar, encontrando barreiras que atrapalham o seu desenvolvimento e aprendizado, além da ausência da afetividade, o que certamente prejudica a integração e a interação com o grupo.

Castro (2015, p.85) destaca que “O professor deve atentar-se para estimular situações de envolvimento com os alunos, de aproximação, de contato, além de dedicar todo um cuidado à sua apresentação.” Integrar os alunos e proporcionar, por meio de interações saudáveis e que estimulem o crescimento dos mesmos, um ambiente propício para a aprendizagem é um dos papéis mais fundamentais de um professor. Ainda que esta não seja

uma tarefa fácil, educadores precisam sempre ter em mente que o medo, a angústia, a raiva, a insegurança e a indiferença, além de tantos outros sentimentos que podem acabar interferindo no processo de aprendizagem, podem surgir no ambiente escolar se não houver o cuidado de buscar compreender os alunos e auxiliá-los verdadeiramente.

Em se tratando de alunos com TEA, esse cuidado precisa necessariamente ser redobrado, uma vez que esses alunos já apresentam um quadro que dificulta a sua interação com os colegas, o que exige conhecimento e ponderação por parte do professor, para estar consciente a respeito das questões que permeiam o transtorno e para que também possam estruturar as atividades durante suas aulas com o foco de estimular o desenvolvimento e a interação entre os alunos, sem que isso seja prejudicial ou torne o ambiente desagradável para algum deles.

É o professor quem deverá propiciar o aparecimento do afeto na sala de aula, para que o aluno possa recordar o que foi ensinado. Isto pode ocorrer por meio de práticas de ensino, que estimulem as realizações, as conquistas, as trocas, fazendo com que o aluno possa sentir que é capaz de realizar coisas, de aprender e, assim, aumentar sua autoestima. São visíveis no espaço escolar os sinais de ocorrência de baixa autoestima apresentados pelos alunos, como o desinteresse por aulas e atividades, notas baixas, cansaço, dificuldade de convivência, complexo de inferioridade, tristeza, sentimento de culpa, agressividade de timidez; um caminho inverso da capacidade desenvolvida socialmente (CASTANHEL, 2014, p. 272).

Sentir-se acolhido faz com que os alunos possam ter mais confiança, saber que tem alguém naquele ambiente que está disposto a guiar e ensinar sem julgamentos e repressão colabora para criar um espaço favorável, onde o aluno queira se arriscar e possa encarar a aprendizagem como algo engrandecedor e possível. Os profissionais da educação precisam entender o papel fundamental do afeto na dinâmica de ensino e aprendizagem, precisam valorizar os avanços dos alunos e respeitar seus limites e peculiaridades, sempre buscando encontrar maneiras de favorecer cada vez mais o crescimento dos aprendentes como indivíduos.

O aprendente pode ser estimulado, desafiado, acompanhado individualmente, mas, acima de tudo, necessita da segurança de que terá seu ritmo de aprendizagem individual respeitado. A criança ou adolescente gosta da escola quando os limites são estipulados de forma afetiva; quando ele sente que cuidam dele (CASTRO, 2015, p.76).

É de fundamental importância não estabelecer parâmetros de comparação entre os alunos ou ainda um único modelo ideal para que todos sigam, é preciso ter a clareza para

perceber e levar em conta que qualquer ideal estabelecido sempre será inalcançável para alguns em algum momento. Trabalhar com o ensino de indivíduos é ter a certeza de que suas práticas não podem jamais se fechar em um único molde, é saber que uma única fórmula não poderá nunca ser eficiente para todos os alunos, uma vez que cada indivíduo tem necessidades, interesses e potencialidades diferentes. Respeitar o ritmo e o estilo de aprendizagem de cada aluno é ser favorável ao seu crescimento intelectual e individual. Estabelecer regras claras, de forma afetiva e sem uma postura autoritária, é permitir que os alunos se sintam seguros no ambiente escolar e valorizem o aprendizado, encarando-o como algo acessível e que proporcionará o crescimento deles como indivíduos, expandindo o leque de possibilidades diante dos mesmos.

Ter um relacionamento favorável tanto com o professor quanto com os colegas é algo essencial para assegurar o acolhimento de um indivíduo que se encontra inserido no espectro autista. Como afirma Castanhel (2014, p.278), “As boas inter-relações promovem um ambiente mais agradável e, com isso, possibilitam a oportunidade de um processo de ensino e aprendizagem mais eficaz.” Estar inserido em um contexto que promova a possibilidade de interação social e o desenvolvimento cognitivo permite que esses alunos recebam os estímulos necessários para trabalhar características que necessitam de atenção. É fundamental que eles se sintam como parte importante do grupo, por isso, não adianta apenas garantir o seu acesso às aulas, é preciso que suas particularidades sejam verdadeiramente levadas em conta no processo, para que a integração com o grupo possa ocorrer da melhor maneira e que as atividades possam ser planejadas levando em conta o seu desenvolvimento.

Estar integrado e conseguir se relacionar com outros indivíduos é de fundamental importância para o processo de aprendizado, como foi sabiamente destacado por Relvas (2017, p.39) “Os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação. Aprendemos quando nos envolvemos ativamente no processo de produção do conhecimento, por meio da mobilização de atividades mentais e na interação com o outro.” Se os indivíduos com o Transtorno do Espectro Autista forem tratados constantemente como diferentes e não houver uma preocupação e um planejamento por parte da instituição de ensino e dos educadores, eles não terão a oportunidade de se sentir verdadeiramente acolhidos e perderão a chance de interagir com os outros alunos, prejudicando assim o desenvolvimento de suas relações interpessoais, de sua capacidade de lidar com conflitos e, sem dúvidas, tornando o seu processo de aprendizagem mais limitado e menos significativo.

3.2 A contribuição do professor

Orrú (2016, p.51) diz que “Toda vez que os sintomas ou a patologia são sobressaltados em detrimento do sujeito, ou devam ser combatidos como características anormais, o ser humano, no caso, a criança no contexto escolar, acaba sendo sombreada, esquecida, marginalizada.” Cada vez mais, as instituições de ensino e profissionais da educação acabam limitando a sua forma de integrar os alunos com autismo, pois restringem o que precisam fazer apenas ao que está descrito no laudo médico. A questão preocupante com relação a esse aspecto é que, justamente por apresentarem tantas diferenças entre si, os indivíduos que se encontram no Transtorno do Espectro Autista precisam de uma atenção mais direcionada e não de padronização de procedimentos no processo de ensino e aprendizagem.

Por isso mesmo, Relvas (2017, p.21) relembra que “O educador deve se preparar para encontrar a sua classe diversificada, ajustando os trabalhos à classe de modo que se permita o desenvolvimento máximo das aptidões de cada aluno.” Essa característica do educador é fundamental para atender às necessidades de qualquer aluno, pois os padrões já estabelecidos para o processo de aprendizagem são limitadores se forem seguidos à risca sem levar em consideração a realidade e as necessidades específicas dos alunos.

Em se tratando de alunos com autismo, esse cuidado tem que ser redobrado, porque o ambiente escolar pode ser muito prejudicial para o desenvolvimento desses alunos se os educadores não tiverem o preparo e o cuidado de se informar a respeito do TEA e também das peculiaridades de seus alunos, para só assim poder encontrar as maneiras mais efetivas de proporcionar o aprendizado. É importante considerar todo o parecer do laudo médico, porém, os educadores não devem nunca limitar a sua atuação a isso, ou depender da chegada desse documento para começar a tornar o ambiente escolar favorável para a integração desses alunos.

Os professores de escolas comuns que estão recebendo alunos com autismo em suas classes precisam compreender a exata dimensão do momento. O caráter inédito desse processo nos impõe um fato: não existe um roteiro pronto e determinado. Estamos aprendendo a lidar com novos conhecimentos e com novas situações em sala de aula. No que diz respeito ao processo de escolarização da pessoa com autismo, estamos construindo um novo paradigma. A experiência de alunos com autismo em escolas regulares de forma ampla é um fato sem precedentes. Isso aponta o tamanho do desafio (RELVAS, 2017, p.27).

Como mencionado pela autora, não existe uma fórmula pronta para a integração dos alunos com o TEA nas escolas, especialmente se considerarmos que o transtorno do autismo apresenta tantas peculiaridades de indivíduo para indivíduo, exatamente por essa razão, a busca pelo conhecimento precisa ser uma constante na vida dos educadores. O número de alunos com laudo de autismo vem crescendo consideravelmente, e é necessário que as instituições de ensino tenham a preocupação de oferecer o acolhimento ideal desses indivíduos. Os professores precisam ter o cuidado de conhecer o máximo a respeito do TEA, pois, só assim terão condições de planejar estratégias de ensino que criem um ambiente favorável ao aprendizado e a elaboração de práticas de sala de aula que contribuam com o aprendizado desses alunos e estimulem a integração social dos mesmos.

Por isso é muito importante não apenas condicionar comportamentos a partir de abordagens enfáticas ao treino de habilidades preestabelecidas e de cunho apenas funcional, mas sim investir nas relações sociais, nos espaços sociais genuínos, onde “os outros” que lhe são diferentes, a partir das contribuições de coletividade, possam favorecer seu aprendizado e, conseqüentemente, seu desenvolvimento (ORRÚ, 2017, p.37).

O foco, em se tratando da integração de crianças com o Transtorno do Espectro Autista nas escolas, vai além do aprendizado de matérias específicas, ele está relacionado ao desenvolvimento de habilidades comunicativas, além da integração social. Os profissionais da educação precisam ter essa consciência, pois, só dessa maneira esses alunos poderão ter a atenção e os cuidados necessários para favorecer o seu acolhimento.

Teixeira (2017, p.71) alerta que “Encontros regulares entre orientador escolar, professores, mediador, psicólogo comportamental e pais ajudam na constante elaboração de metas e implementação de novas estratégias para ajudar o estudante.” Nesse sentido, um trabalho integrado com outros profissionais é o caminho mais adequado para assegurar que o melhor planejamento seja estabelecido para garantir que os alunos com autismo possam receber a atenção e o tratamento individualizado mais adequados dentro das instituições de ensino, visando um aprendizado efetivo e motivador, que desenvolva também a visão de mundo, as habilidades sociais e interacionais desses alunos.

Os referenciais dos autores mencionados guiaram a pesquisa em busca do entendimento acerca do nível de conhecimento dos profissionais da educação sobre o Transtorno do Espectro Autista atualmente, levando em conta a relevância dessa informação no processo de integração do aluno autista no ambiente escolar. Tais referenciais também

foram significativamente importantes no levantamento de conclusões e na estruturação de sugestões de melhoria para o processo de expansão do entendimento das necessidades dos indivíduos com autismo em meio aos profissionais da educação, que têm um papel tão fundamental nesse processo.

Existe integração entre professores e alunos, mas isso não é tudo. A postura do professor é de extrema importância no processo de integração. Os pais, mais do que nunca, têm papel primordial em todo o processo de interação da criança na escola. A criança aprende melhor quando se sente acolhida (CASTANHEL, 2014, p. 271).

Além do contato com outros profissionais que estejam acompanhando o desenvolvimento dos alunos com autismo, para colaborar com o entendimento mais global das habilidades e necessidades desses alunos, é muito importante que os professores busquem também o contato e o apoio da família. Quanto mais acolhido, cuidado e compreendido o aprendiz se sentir, mais à vontade e confiante ele estará com relação ao aprendizado. O educador precisa sempre buscar o seu próprio preparo emocional e se munir com o máximo de informações que favoreçam o aprimoramento de suas práticas, para que dessa maneira possa estar preparado para as situações adversas com as quais irá se deparar no ambiente tão cheio de particularidades que é a sala de aula. É muito importante reavaliar constantemente as estratégias empenhadas e os resultados alcançados através delas, não há como aprimorar metodologias se não houver a crença de que o processo de ensino precisa sempre passar por modificações e adaptações.

Para dar esta segurança, é preciso ter estratégias e metodologias de ensino que possibilitem a aprendizagem de maneiras diferentes, visto que há diferentes estilos de aprendizagem. O ensinante precisa olhar para o aprendiz quando chega à sua sala e acompanhar a evolução dele, e não apenas ter um referencial de ideal e compará-lo a este referencial (CASTRO, 2015, p.76).

Cada indivíduo tem uma forma peculiar de aprender, cabe aos profissionais da educação estarem sempre buscando novas informações e descobertas relacionadas ao aprendizado. Além disso, é fundamental estabelecer técnicas para tentar compreender e conhecer mais a respeito de cada um de seus alunos, pois só dessa maneira será possível projetar e planejar as medidas mais apropriadas para fazer com que cada um deles possa atingir toda a sua capacidade, se envolvendo verdadeiramente com o processo de ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o intuito de elencar os aspectos relevantes que são fundamentais para o acolhimento adequado dos alunos com autismo nas escolas, como mencionado nos objetivos deste trabalho, o presente estudo realizou-se por meio de uma metodologia que envolveu uma pesquisa bibliográfica no campo educacional, com o foco voltado para a afetividade, para as técnicas inclusivas e as características do Transtorno do Espectro Autista, incluindo pesquisas e teorias atuais e significativas para a área, desenvolvidas por autores como Cunha, Surian, Teixeira, Orrú, Castanhel e Relvas, além outros pesquisadores que constituem parte do Referencial Teórico utilizado para o desenvolvimento deste trabalho.

A natureza da pesquisa foi explicativa, uma vez que buscou fornecer informações acerca do problema para uma investigação mais precisa, visando a uma maior aproximação com o tema, levantando hipóteses e conectando as ideias encontradas nas teorias com a realidade percebida por meio da aplicação de um questionário com profissionais da educação. Tal questionário direcionou-se ao entendimento e compreensão dos professores no tocante ao tema da pesquisa, para assim compreender melhor as causas e efeitos do nível de conhecimento dos mesmos no cenário escolar, que, invariavelmente, receberá cada vez mais indivíduos com autismo. Mediante a amostragem atingida por meio da aplicação do questionário com professores de escolas públicas, particulares e de cursos livres, tentou-se explicar a realidade atual no que diz respeito à compreensão desses profissionais sobre o Transtorno do Espectro Autista. Além disso, ao analisar as respostas dadas no questionário, foi possível identificar quais informações são essenciais, com base no conhecimento adquirido por meio dos textos que embasaram o desenvolvimento desta pesquisa, para que os professores e as escolas estejam, de fato, preparados para receber essas crianças.

A pesquisa desenvolvida tem características qualitativa, utilizando-se da revisão de estudos e pesquisas recentes a respeito do tema, focando especialmente nos aspectos da síndrome que mais podem influenciar o processo de aprendizagem. Foram feitas observações a partir dos resultados da pesquisa para checagem e conclusões a partir do resultado e da aplicação do questionário. O método estatístico guiou as conclusões obtidas por meio das informações coletadas após a aplicação do questionário com os profissionais da educação, possibilitando determinar, em termos numéricos, as conclusões acerca das hipóteses levantadas após a análise bibliográfica.

A escolha desse tipo de abordagem surgiu do interesse de compreender mais a respeito dos aspectos que influenciam o aprendizado da criança com autismo, além de entender como o processo de formação dos professores e o seu nível de compreensão no tocante ao Transtorno do Espectro Autista podem afetar diretamente a integração dessas crianças no ambiente escolar, assim como o seu desenvolvimento durante o processo de aprendizagem. A educação e a formação são processos de transformação, é fundamental compreender a realidade atual dos professores, o entendimento dos profissionais da educação sobre o TEA para que, com base nisso, seja possível determinar quais informações e aspectos ainda necessitam de atenção e precisam fazer parte do processo de formação continuada dos professores. Assegurando, dessa maneira, a utilização da afetividade e do conhecimento específico necessário para estimular que as crianças com autismo tenham a assistência que precisam dentro da sala de aula, pois, isso irá colaborar com o melhor desenvolvimento de sua coordenação motora, da aquisição da linguagem e de conteúdos, além das suas relações e interações com os colegas e com o grupo como um todo, tendo a oportunidade de fortalecer suas relações sociais.

Assim, pode-se afirmar que o intuito dessa pesquisa é justamente servir como ferramenta para guiar e auxiliar esses profissionais com seu processo de formação e conhecimento para melhoria do contexto, visando e assegurando o ambiente mais favorável para a educação dos indivíduos com autismo. Por conta da natureza específica de seu trabalho, o professor pode atingir grande número de pessoas, contribuindo com a sua formação, então é fundamental assegurar que esse profissional tenha acesso a todas as informações necessárias para que esteja preparado para acolher e estimular ao máximo o desenvolvimento de seus alunos, considerando todas as suas peculiaridades e necessidades.

A pesquisa para este trabalho foi realizada mediante a aplicação de um questionário disponibilizado online via Google Docs que continha dezesseis perguntas, sendo quinze das perguntas fechadas e apenas uma delas aberta. O intuito do questionário foi, com base nas pesquisas bibliográficas realizadas, direcionar perguntas específicas a respeito do Transtorno do Espectro Autista e verificar o nível de compreensão dos educadores acerca do tema. A partir das informações colhidas, faz-se possível identificar a existência de temas relacionados ao TEA que ainda são pouco explorados na formação continuada desses profissionais da educação.

Durante o processo de aplicação do questionário, houve reuniões para apresentar a proposta da pesquisa para funcionários ligados ao setor pedagógica das escolas. Cinco escolas

de idiomas foram contatadas, mas apenas duas se mostraram receptivas, por sorte, grande parte do quadro de professores aceitou participar da pesquisa. Dez escolas regulares foram procuradas, sendo metade destas escolas particulares, a outra metade era composta por escolas públicas. Das escolas particulares, quatro aplicaram o questionário, tendo uma boa adesão do quadro de professores. Com relação às escolas públicas, apenas uma realmente deu um retorno e pediu a colaboração dos funcionários, ainda assim, o número de pessoas que responderam foi bem menor do que o esperado.

A ideia inicial com relação a quantidade de escolas selecionadas para a aplicação do questionário visava possibilitar fazer um comparativo no que diz respeito ao nível de entendimento dos diferentes grupos de professores, verificando possíveis diferenças na compreensão sobre o TEA entre professores que trabalham em redes públicas, privadas e no setor de cursos livres, porém, a baixa adesão de profissionais da rede pública à proposta da pesquisa acabou dificultando esse viés de estudo. Dessa forma, a análise foi feita de modo mais amplo, considerando a amostragem atingida, que se refere a trinta e dois professores, sendo vinte e cinco mulheres e apenas sete homens, levando em conta o conhecimento de professores que já tiveram a experiência de ensinar alunos que se encontram dentro do espectro autista e também a vivência e as impressões daqueles que ainda não tiveram essa oportunidade.

A idade dos participantes teve uma variação dos 22 aos 68 anos, sendo as faixas etárias entre 27 e 30 e 37 a 42 as que apresentaram um maior número de participantes. O tempo de atuação como professor variou de 1 até mais de 25 anos, sendo o período entre 5 a 7 anos de atuação o mais mencionado, com o total de 9 dos participantes. 16 dos professores que responderam ao questionário atuam em escolas de idiomas, sendo 9 deles de uma escola destinada ao público de classe média alta e 7, de uma escola de línguas do Estado, destinada ao público de classe média baixa. Apenas 2 professores, do grupo de participantes, pertenciam à categoria de profissionais de escolas regulares públicas. Os outros 14 se dividiram entre 4 escolas regulares diferentes da rede particular.

CAPÍTULO V – ANÁLISE

A primeira pergunta do questionário dizia respeito ao conhecimento sobre o TEA, ela perguntava se o participante já havia ouvido falar a respeito do transtorno do espectro autista. As respostas para esta pergunta foram as seguintes:

1. Você já ouviu falar sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA)?

32 respostas

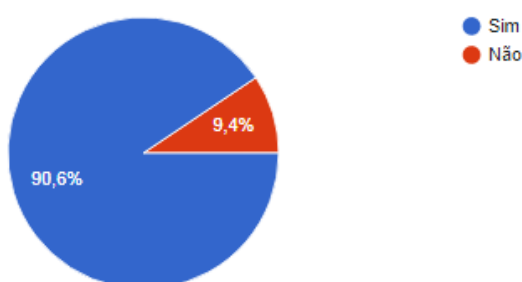


Figura 1: Primeira pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

Quanto aos respondentes do questionário, 3 deles (o que equivale a 9,4% do montante) sinalizaram que não ouviram falar a respeito do Transtorno do Espectro Autista. Esse é um dado preocupante, uma vez que transtornos como o TEA, que influenciam tão diretamente no aprendizado dos alunos, deveriam ser amplamente explorados na formação dos professores e durante seus treinamentos continuados, tendo em vista que esses professores, que desconhecem o transtorno, terão muita dificuldade em receber, auxiliar e atender às necessidades dos alunos que se encontram no espectro autista e poderão eventualmente chegar às suas salas de aula.

Foi positivo perceber que a grande maioria, mais especificamente 90,6%, o que corresponde a 29 dos professores que participaram, conhecia o transtorno. O conhecimento inicial a respeito do Transtorno do Espectro Autista é o que poderá despertar o interesse dos profissionais da educação, para que os mesmos busquem compreender mais a respeito do TEA e possam iniciar sua procura por recursos e pelo conhecimento que tanto pode contribuir com o desenvolvimento e progresso dos alunos.

A segunda questão inquiria sobre o nível de conhecimento dos professores a respeito do transtorno. Eles poderiam escolher entre três opções a que melhor representasse sua avaliação individual a respeito do seu nível de conhecimento sobre o tema. Os resultados foram:

2. Caso a resposta seja afirmativa, como você classificaria o seu nível de conhecimento a respeito do tema?

31 respostas

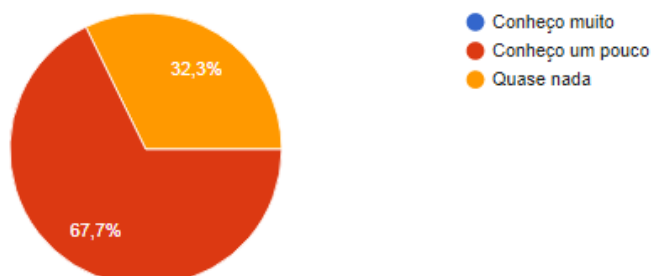


Figura 2: Segunda pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

Percebe-se que, apenas 1 dos participantes dos três que responderam que não conhecia o Transtorno do Espectro Autista, na questão anterior, se absteve de responder à segunda questão. Sendo assim, foram obtidas 31 respostas para a segunda pergunta, das quais 21 pessoas sinalizaram que conhecem um pouco acerca do transtorno e as outras 10 classificaram o seu nível de conhecimento como “quase nada”. Esta pergunta explicita a hipótese levantada ao longo desta pesquisa, que se refere ao fato de boa parte dos profissionais da educação apresentar algum nível de conhecimento sobre o TEA, apesar desse conhecimento ainda ser muito limitado. É importante destacar que, de todos os entrevistados, nenhum se sentiu confiante para declarar que conhecia muito a respeito do transtorno, o que nos leva a pensar que provavelmente a exposição dos professores em formação às informações sobre as características e peculiaridades do Transtorno do Espectro Autista ainda é insuficiente.

Justamente por reconhecer a importância da informação e a maneira positiva como o conhecimento influencia a atuação dos profissionais da educação, este questionário também envolveu questões relacionadas a algumas das principais características dos indivíduos que se encontram inseridos no espectro do autismo. Possibilitando, dessa forma, uma melhor percepção a respeito de quais características já são mais difundidas e conhecidas, e quais ainda precisam de atenção e divulgação.

Levando isso em consideração, a terceira pergunta foi mais específica a respeito do transtorno, os entrevistados tiveram que se posicionar com relação à seguinte afirmativa:

3. Indivíduos com o TEA sempre apresentam as mesmas dificuldades e peculiaridades de desenvolvimento.

32 respostas

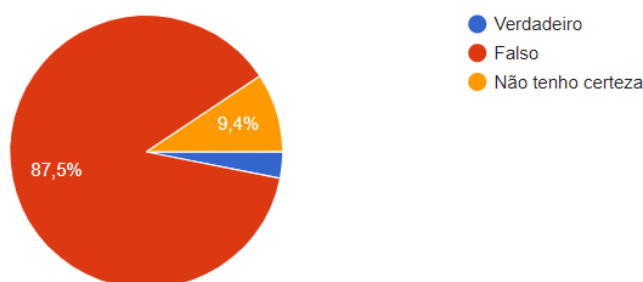


Figura 3: Terceira pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

Uma única pessoa, correspondente a 3,1% da amostragem, afirmou que a frase era verdadeira, apesar de a mesma estar errada. Os indivíduos com autismo possuem características muito particulares, e tanto as características que evidenciam o transtorno, quanto as suas dificuldades podem apresentar diferenças bastante consideráveis de uma pessoa para outra. Como já foi esclarecido ao longo deste trabalho, não seria possível afirmar que os indivíduos com autismo apresentam as mesmas dificuldades e peculiaridades de desenvolvimento.

Foi muito positivo ver que 28 dos entrevistados, o que corresponde a 87,5% da amostragem, se posicionaram corretamente e sinalizaram que a afirmativa era falsa. A partir desse conhecimento, os educadores conseguem compreender que não existem fórmulas prontas para lidar com os alunos com TEA, é necessário antes de tudo se empenhar em conhecer mais a respeito de seus alunos e de suas individualidades, para só dessa maneira poder ter uma maior compreensão da forma como eles aprendem, percebendo como motivá-los e ajudá-los durante o processo de aprendizagem. 3 participantes, o que corresponde a 9,4% dos entrevistados, não conseguiram se posicionar com segurança a respeito da questão, o que volta a evidenciar que, por mais que as informações a respeito do autismo tenham atingido esses profissionais em algum nível, ainda existe muita coisa que não ficou clara para os mesmos.

A quarta pergunta também trouxe uma afirmativa a respeito do transtorno estudado. Foram obtidas as seguintes respostas:

4. Indivíduos com o TEA apresentam estereotípias e dificuldade de olhar nos olhos das outras pessoas.

32 respostas

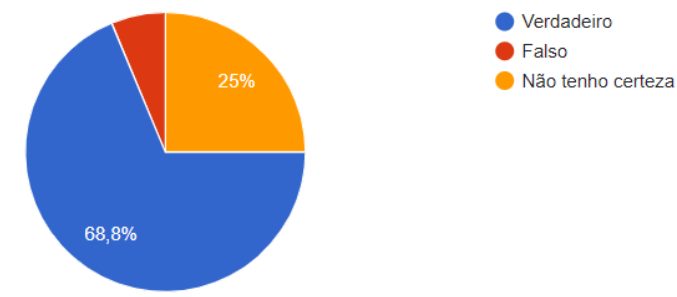


Figura 4: Quarta pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

22 dos participantes, o que equivale a 68,8% do total, classificaram a afirmativa como verdadeira. O resultado é bastante positivo, pois a maioria dos professores entrevistados tinha conhecimento a respeito destas características e comportamentos que são marcantes em boa parte dos indivíduos com autismo.

Saber identificar as características mencionadas pode ajudar o profissional a agir da maneira mais adequada, trazendo para os alunos os estímulos necessários para que eles possam desenvolver suas habilidades da melhor maneira. Ser detentor desse conhecimento auxilia o professor de modo que o mesmo possa atuar com mais eficiência e rapidez, pensando na melhor maneira de ajudar o seu aluno a se integrar com o grupo e a se engajar durante as atividades, além de facilitar o contato com os responsáveis para saber se a suspeita do quadro de autismo já foi levantada, e até mesmo para sugerir encaminhamentos para avaliação, caso seja necessário.

Ainda que essas sejam características amplamente conhecidas do transtorno, 2 participantes, número que corresponde a 6,3% do total, ainda marcaram que a alternativa era falsa. Outros 8 participantes, o que corresponde a 25% do total, sinalizaram que não tinham certeza se a afirmativa era verdadeira ou falsa, dado que mais uma vez aponta para a falta de informações claras e que facilitem o entendimento dos professores a respeito do transtorno.

A quinta pergunta, que trouxe uma afirmativa com tema diretamente relacionado ao aprendizado de indivíduos com TEA, mostrou dados particularmente interessantes:

5. Rotinas são importantes para o aprendizado do indivíduo com autismo.

32 respostas



Figura 5: Quinta pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

Todos os 32 participantes afirmaram que a frase era verdadeira, confirmando que, apesar das dúvidas com relação às informações das outras questões, todos os professores já compreendem a importância das rotinas para o aprendizado dos indivíduos com autismo e se sentem mais seguros ao defenderem esta alegação. Esta questão levanta a hipótese de que as escolas provavelmente apresentam maior preocupação em deixar claro a importância da rotina no processo de aprendizagem, até porque esse é um elemento que pode contribuir com o desempenho de muitos alunos, inclusive dos que não se encontram no espectro autista. Por essa razão, os professores apresentaram maior segurança com relação ao tema.

Se os profissionais da educação compreenderem essa particularidade dos indivíduos com autismo, perceberão que a rotina fará com que os processos pedagógicos se tornem muito mais aceitáveis e acessíveis para eles. Estabelecer uma rotina em sala de aula diminuirá o desconforto e o nível de ansiedade dos alunos com TEA, facilitando a sua integração e participação durante as atividades.

A sexta questão, que trouxe uma afirmativa relacionada a um aspecto fundamental a respeito do Transtorno do Espectro Autista, abordando um tema que ainda causa confusão entre as pessoas, resultou nas seguintes respostas:

6. O Autismo pode ser curado se o tratamento for iniciado nos primeiros anos de vida.

32 respostas

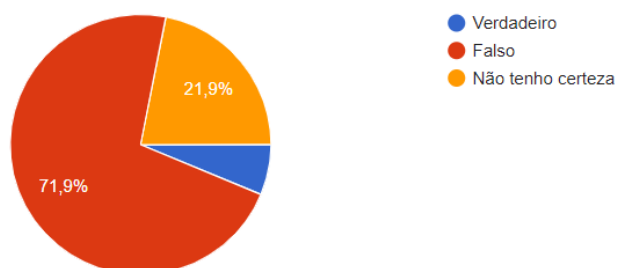


Figura 6: Sexta pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

Apesar de existirem muitas técnicas e sugestões de atividades educativas que podem colaborar com o desenvolvimento e o progresso de crianças que se encontram inseridas no espectro autista, não há cura para o autismo. As características particulares dos indivíduos que se encontram no espectro autista precisam ser respeitadas, a chave para a integração dessas pessoas é justamente tentar compreendê-las, levar em consideração sua maneira de ser e tentar encontrar formas de integrá-las de maneira apropriada e confortável, estimulando mecanismos que auxiliem as interações sociais e que promovam o aprendizado. 23 participantes, que correspondem a 71,9% da amostragem, atestaram que a afirmativa era falsa, 7 deles disseram não ter certeza e 2, o que corresponde a 6,3% do total, ainda escolheram a alternativa que dizia que a frase apresentada era verdadeira. Mesmo que o saldo seja proporcionalmente positivo, é importante que fique claro que há muito trabalho a ser feito no tocante ao conhecimento dos profissionais da educação sobre o TEA.

A sétima questão trouxe o tema do diagnóstico do autismo, afirmando que seria comum obter um laudo antes dos três anos de idade. Isso não é verdade, uma vez que o diagnóstico geralmente ocorre justamente após essa idade. Obviamente, algumas crianças começam a apresentar sinais muito mais cedo, mas um diagnóstico tão precoce, apesar de ser ideal, ainda é muito raro atualmente. Justamente pelo fato de o transtorno envolver um conjunto de características que podem variar de um indivíduo para outro, o diagnóstico acaba sendo bastante complicado.

7. É comum que o autismo seja diagnosticado antes dos 3 anos de idade.

32 respostas

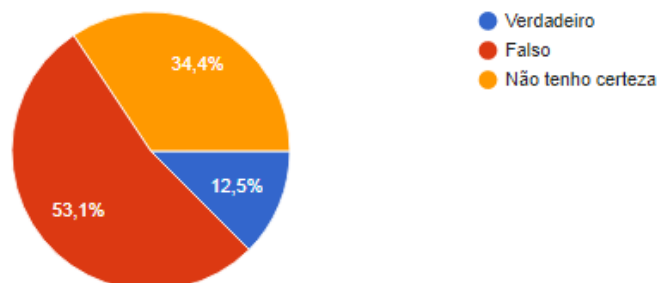


Figura 7: Sétima pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

A maioria dos professores entrevistados, 17 deles, afirmaram que a frase era falsa. 4 pessoas selecionaram a opção verdadeira, e 11 não souberam se posicionar sobre o tema. Uma vez mais, é possível levantar a hipótese de que informações sobre o TEA chegaram a esse grupo de professores, ainda que a divisão no posicionamento dos mesmos possa indicar que as informações não chegaram de maneira eficiente o suficiente para esses profissionais da educação.

A oitava questão envolvia um tema que também costuma confundir muitas pessoas, o questionamento sobre o melhor tipo de ambiente escolar para um aluno com autismo, se seria uma escola regular, ou uma escola especial que, teoricamente, estaria mais preparada e melhor estruturadas para receber esses alunos.

O que deve ser considerado acerca deste tema é que a segregação não é uma solução positiva, especialmente quando percebemos que esses indivíduos estarão sendo privados da oportunidade de se integrar e interagir com pessoas que vivem em uma realidade diferente da sua. Em se tratando do autismo, o contato com os mais diferentes tipos de pessoas é fundamental, afinal, a prática e o desenvolvimento da interação social é justamente uma de suas maiores necessidades, o que faz com que as pessoas que se encontram no espectro autista precisem muito desse tipo contato e da oportunidade de desenvolver os mecanismos que colaborarão para que eles possam ter uma visão mais ampla do mundo e das pessoas, sabendo como agir e se comportar em ambientes com pessoas que não estejam dentro do espectro.

É inegável a importância da inclusão desses estudantes em ambientes onde eles possam ter oportunidades iguais de aprender, se desenvolver e de criar vínculos com outras pessoas, é imprescindível que eles possam frequentar locais onde experienciem essas oportunidades. Sendo assim, para que esses indivíduos possam construir conhecimento, é

essencial que eles possam primeiramente ter acesso às escolas, e que essas escolas estejam preparadas para acomodar suas necessidades. Faz-se necessário ressaltar que, ainda que os autores utilizados para fundamentar o projeto defendam a necessidade de incluir esses indivíduos em escolas regulares, é preciso que antes de tudo esses ambientes estejam preparados para acolher esses alunos, os professores não teriam como criar um ambiente positivo para a aprendizagem sem o suporte necessário. Alunos com TEA precisam sempre ter suas necessidades consideradas, inclusive no momento de decidir qual espaço educativo seria mais adequado para o seu desenvolvimento.

8. Estudar em escolas especiais é mais benéfico para o desenvolvimento de indivíduos com TEA.

32 respostas

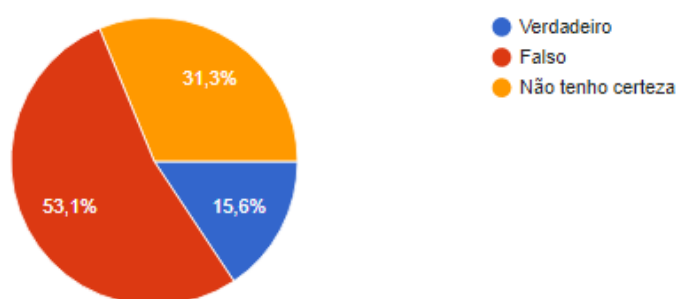


Figura 8: Oitava pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

Novamente, 17 pessoas escolheram a alternativa falsa, indicando que esses professores compreendem a importância de tentar incluir indivíduos com TEA em escolas regulares, visando o desenvolvimento de suas habilidades sociais. 5 pessoas classificaram a afirmativa como verdadeira e dez não souberam se posicionar a respeito do tema.

A nona questão continuou envolvendo temas relacionados a postura da escola no que diz respeito aos alunos com autismo, perguntando sobre o procedimento que os professores devem adotar diante de conteúdos que possam julgar difíceis demais para a capacidade de tais alunos. É fundamental ressaltar que a capacidade dos alunos não deve nunca, em hipótese alguma, ser subestimada, portanto, cortar assuntos previstos por se assumir que o aluno não conseguirá os absorver é um erro grave. É preciso adaptar os conteúdos e testar diferentes maneiras de passar os assuntos para os alunos, sempre considerando suas potencialidades e dificuldades, mas o profissional da educação não deve nunca privar seus alunos do acesso ao conteúdo, todos os alunos precisam ter os mesmos direitos e oportunidades.

A inclusão deve sempre ser prioridade, exatamente por essa razão os conteúdos precisam ser adaptados para que sejam acessíveis, para que o conhecimento possa ser construído em conjunto e respeitando as especificidades de cada aluno, mas os alunos com TEA não devem nunca ser privados do acesso aos assuntos previstos do currículo escolar.

9. Na escola, os professores precisam eliminar os assuntos mais difíceis do conteúdo previsto para adaptar o livro, de maneira a facilitar o aprendizado de alunos com autismo.

32 respostas

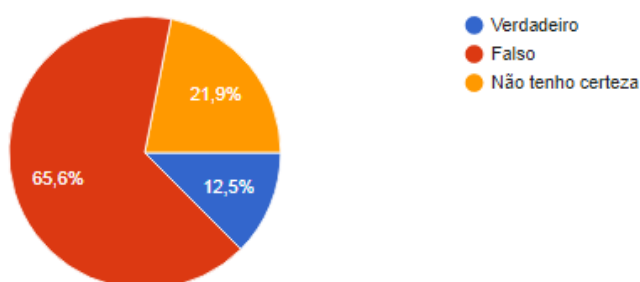


Figura 9: Nona pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

Sabendo da importância de tratar seus alunos com igualdade, 21 professores responderam que a afirmativa era falsa. 7 não conseguiram ter certeza, aqui se levanta a hipóteses de estes terem concordado com a questão da adaptação, mas não saberem ao certo quanto à possibilidade de eliminar conteúdos. 4 dos professores que participaram da pesquisa ainda consideraram que a afirmativa era verdadeira.

Em se tratando das informações fundamentais que os profissionais da educação precisam ter acerca do Transtorno do Espectro Autista, as áreas onde esses alunos apresentam maiores dificuldades realmente deve ser um tema explorado. A décima questão abordou justamente o entendimento dos professores com relação às áreas mais afetadas nos indivíduos que se encontram inseridos no espectro. Todas as alternativas apresentadas representam áreas que podem ser afetadas pelo transtorno, porém, a pergunta questiona justamente quais seriam as áreas mais recorrentemente afetadas. As respostas obtidas foram as seguintes:

10. Quais são as áreas comumente mais afetadas pelo TEA?

32 respostas

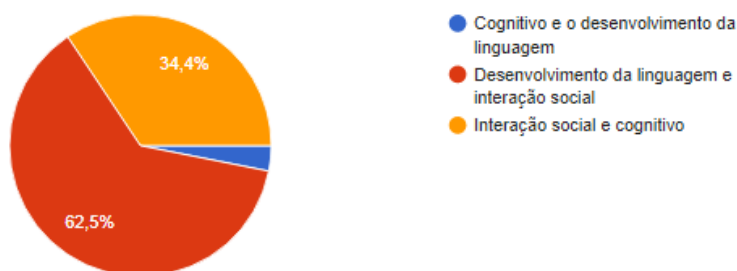


Figura 10: Décima pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

20 dos 32 professores responderam que as áreas mais comumente afetadas pelo TEA são o desenvolvimento da linguagem e a interação social, estas questões estão presentes em algum nível em praticamente todos os indivíduos com autismo. Já o cognitivo nem sempre é afetado, algumas das pessoas que apresentam um quadro de autismo leve não possuem prejuízo cognitivo. 11 dos participantes da pesquisa afirmaram que a interação social e o cognitivo seriam as áreas mais comumente afetadas, e apenas 1 participante sinalizou que a alternativa que incluía o cognitivo e o desenvolvimento da linguagem seria a resposta adequada para a pergunta.

A décima primeira questão abordou o tema relacionado à formação do grupo de professores que foi entrevistado. Questionou-se especificamente a familiaridade desses profissionais com o tema do questionário durante a época de sua formação.

11. Durante a sua formação como professor, o tema Transtorno do Espectro Autista foi abordado em algum momento?

32 respostas

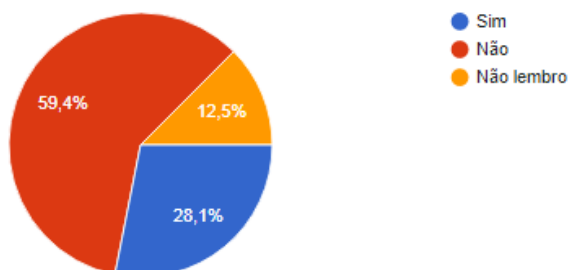


Figura 11: Décima primeira pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

Esta questão exigia que os professores fizessem uma reflexão a respeito de sua própria formação, fazendo com que cada um deles pudessem relembrar sua trajetória profissional individual, acessando o conhecimento adquirido ao longo dos anos e averiguando se temas relacionados ao transtorno do espectro autista haviam sido abordados durante esse processo. É importante perceber que o fato da maioria dos participantes, 19 do total, ter respondido não para esta pergunta reforça a importância das hipóteses levantadas neste projeto. Apenas 9 dos professores afirmou ter recebido alguma orientação sobre o tema durante sua formação, os outros 4 disseram não lembrar. Se um professor não está ciente das necessidades que um aluno que se encontra no espectro do autismo pode ter, certamente ele não saberá quais estratégias adotar para auxiliar este aluno.

Tratar de temas relacionados a transtornos que podem vir a prejudicar de alguma maneira o desempenho e o aprendizado dos alunos precisam ser considerados primordiais, só o conhecimento dos profissionais da educação pode permitir que os mesmos consigam atuar com a flexibilidade, a empatia e a sabedoria que esse cargo exige. As escolas só estarão verdadeiramente preparadas para receber alunos com TEA quando entenderem a importância de formar seus professores de maneira que os mesmos possam receber seus alunos de forma justa, e que possa ensiná-los com dedicação e empenho indiscriminado.

A décima segunda questão perguntava se os professores acreditavam que seria interessante ter uma disciplina a respeito dos transtornos de aprendizagem durante a formação de docentes:

12. Você acha que seria interessante ter uma disciplina a respeito dos transtornos de aprendizagem em todo curso de formação de professores?

32 respostas

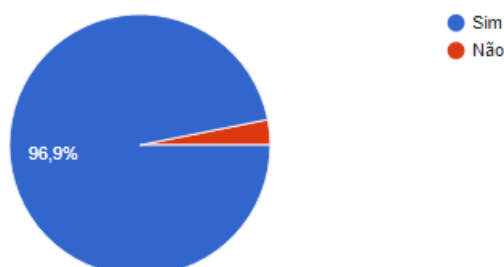


Figura 12: Décima segunda pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

Foi surpreendente ver que um dos professores entrevistados se posicionou de maneira negativa com relação a esta pergunta. A informação é a chave para que os educadores consigam exercer sua função da melhor maneira, especialmente em se tratando das informações a respeito dos transtornos de aprendizagem, que podem influenciar tão diretamente no processo de aprendizagem. Felizmente, 31 dos 32 professores que participaram da pesquisa demonstraram compreender a importância de ter esse tipo de informação durante o processo de formação, para assegurar que esses profissionais consigam chegar à sala de aula munidos do conhecimento necessário para atuar e colaborar com o desenvolvimento adequado de seus alunos.

A décima terceira questão foi relacionada à percepção individual de cada um dos professores entrevistados a respeito de seu preparo para ensinar alunos que se encontram inseridos no espectro autista.

13. Você se sente preparado para ensinar um aluno com TEA?

32 respostas

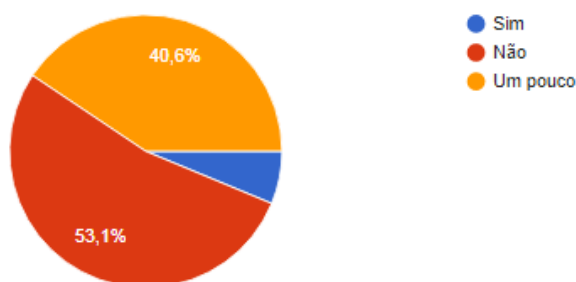


Figura 13: Décima terceira pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

Quando apenas 2 dos professores entrevistados se sentem seguros em afirmar que percebem-se preparados para ensinar alunos com TEA, podemos afirmar que, de fato, os cursos de formação de professores não abordam este tema de maneira incisiva e clara o suficiente, para que esses profissionais possam se sentir preparados para trabalhar com esses alunos. A maior parte dos entrevistados, 17 professores, sinalizou não se sentir preparado para lidar com alunos que se encontram no espectro autista e treze professores afirmaram se sentir um pouco preparados, o que pode indicar que eles tiveram acesso a algumas das informações que poderiam colaborar com sua atuação voltada para alunos com o Transtorno do Espectro Autista, porém, ainda assim, eles não se sentem totalmente seguros e preparados, deixando

claro que compreendem a complexidade que engloba o ensino de alunos com autismo e a necessidade de ter sempre mais informações a respeito do tema.

Não basta apenas que o professor seja informado e preparado para ajudar esses alunos, sem o apoio da escola e o suporte das instituições de ensino, o treinamento continuado e a atuação desses profissionais podem ser bastante prejudicados. Considerando isso, a décima quarta questão perguntava se o participante considerava que a escola onde o mesmo atuava teria condições apropriadas para receber estudantes com TEA.

14. Você acredita que a escola onde você trabalha tem as condições apropriadas para receber estudantes com TEA?

32 respostas

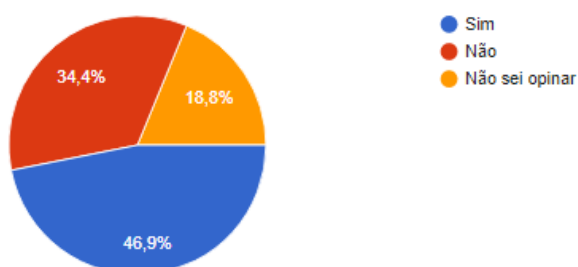


Figura 14: Décima quarta pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

As respostas foram um pouco mais positivas, uma vez que a maioria do grupo, 15 professores, dentre os quais estavam professores de escolas de cursos livres e escolas regulares particulares, acreditam que a escolas onde atuam teriam sim as condições apropriadas para receber estudantes com autismo, o que pode indicar que esses profissionais percebem certo nível de empenho em seus respectivos superiores, além de vislumbrem ambientes de trabalho adequados no que se refere a inclusão de estudantes com necessidades específicas, como é o caso dos que se encontram no espectro autista. Contudo, 11 professores relataram não perceberem que as escolas onde trabalham estão preparadas para receber esses alunos, e seis professores não souberam opinar sobre esse tema, o que leva a imaginar que ainda há muito trabalho a ser feito nesse sentido.

As escolas precisam estar preparadas para receber esses alunos e todos aqueles que demandam algum tipo de atenção especial, os ambientes de ensino precisam ser favoráveis para todos os indivíduos e é necessário que os professores percebam que o local onde eles trabalham tem esse tipo de preocupação. As instituições de ensino precisam se empenhar para

que seu grupo de professores possa ter acesso a informações e treinamentos que favorecerão sua atuação, gerando, assim, um ambiente positivo e inclusivo.

A décima quinta questão perguntou se os professores estavam trabalhando atualmente, ou se já haviam tido a oportunidade de trabalhar durante seu tempo de atuação, com alunos que tinham o transtorno do espectro autista.

15. Você já teve, ou tem neste momento algum aluno com TEA em sala de aula?

32 respostas

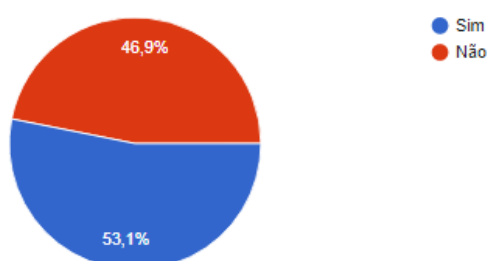


Figura 15: Décima quinta pergunta do questionário (2018) – elaborada pela autora.

Ainda que a diferença tenha sido pequena, o fato de a maior parte do grupo, 17 professores, já ter tido a oportunidade de trabalhar com indivíduos com TEA reforça a questão já levantada anteriormente nesta pesquisa, a de que o número de alunos que se encontram no espectro autista chegando às escolas tem crescido, o que faz com que as chances de professores trabalharem com esses alunos só aumentem. Isso evidencia ainda mais a necessidade de passar informações essenciais a respeito do transtorno para esses profissionais. 15 do total de professores que responderam ao questionário nunca trabalharam com alunos com autismo.

A décima-sexta questão foi a única pergunta aberta do questionário, nela foi pedido que, em caso de resposta positiva para a pergunta anterior, o participante relatasse brevemente como foi ou está sendo a sua experiência de ensinar a um aluno que se encontra no espectro autista. Foram obtidas 16 respostas para esta questão, algumas simples e outras ricas em detalhes. Na sequência, algumas das respostas recebem destaque e comentários:

Um dos professores relatou que a experiência foi “desafiadora, cada dia entendemos um pouco mais sobre o aluno e assim podemos nos adaptar para melhor atendê-lo”. Tal relato reforça questões já levantadas ao longo deste trabalho, como o fato de só se poder auxiliar verdadeiramente um aluno quando o profissional da educação se dispõe a conhecer mais a

respeito do mesmo. Cada aluno possui suas particularidades e é apenas através do conhecimento acerca de suas habilidades e dificuldades que se pode traçar estratégias específicas para ajudá-lo. A autorreflexão dos professores sobre suas práticas diárias é um elemento fundamental para que esses profissionais consigam estar em constante evolução, aprimorando suas estratégias com o intuito de ajudar seus aprendentes. É necessário que adaptações sejam feitas constantemente, visando o bem-estar dos alunos.

Outros participantes da pesquisa também afirmaram que a experiência foi muito relevante para seu crescimento profissional, a exemplo deste comentário: “A experiência foi ótima. No ano em que tive uma aluna com TEA aprendi muito e foi bem desafiador. Tive que rever minhas práticas como professora e tive total suporte da equipe pedagógica da escola (coordenação e psicopedagoga)”. Ensinar um aluno que se encontra no espectro autista é definitivamente algo desafiador e que exige bastante dedicação por parte do professor, por isso mesmo é tão importante ter o apoio da instituição de ensino, para assegurar que esse profissional terá condições de buscar informações e de ter alguém para discutir e o orientar com possíveis adaptações e ajustes que venham a ser necessários no ambiente escolar.

Ainda sobre esse tema, vale destacar que muitos que responderam à última pergunta do questionário relataram que se sentiram inseguros no período em que estiveram ensinando alunos com o transtorno, isso porque não tinham informações suficientes, não se sentiam preparados para tal responsabilidade, ou ainda sentiram que não receberam o apoio apropriado por parte da instituição de ensino onde trabalham. Alguns exemplos de comentários que levantaram essas questões:

“Já tive aluno autista e tenho novamente, mas a grande dificuldade é conciliar abordagens para eles dentro de uma sala heterogênea. Sinto-me de mãos atadas, pois não tenho mecanismos e instrumentos pedagógicos que considero eficientes para trabalhar. Daí, sinto como se estivesse fazendo de conta. Minha atuação acaba ficando restrita à adaptação de provas e material didático que nem me sinto capacitada e confortável”. Neste caso, é clara a ausência de um acompanhamento mais direcionado da equipe pedagógica da escola, não é correto apenas esperar que o professor resolva a situação se esse profissional não está sendo auxiliado, se ele acaba tendo que tomar decisões importantes para o desenvolvimento do aluno sem ter alguém que sirva de referência para mediar e orientar suas intervenções. É preciso que o professor ganhe confiança através da informação, é fundamental ajudar para que o aluno com autismo realmente se integre com a turma e a sua presença na escola seja encarada como essencial para o desenvolvimento do mesmo, não apenas como algo que precisa ser cumprindo, sem que o objetivo final seja de fato levado em conta.

Um dos professores mencionou que “eu só falo ou pergunto algo quando ele se manifesta.”, referindo-se a um aluno com TEA que está em seu grupo, atitude que se mostra preocupante, pois o aprendizado do aluno em questão certamente não está sendo levado em conta. O professor que deu esta resposta, muito provavelmente, não se sente capaz e confiante para atuar pensando nas necessidades desse aluno, ele não se sente capaz de ensinar a esse aluno e, por isso, opta por agir como se o mesmo não existisse e não fosse problema seu. A questão é que todo profissional da educação deve entender que a partir do momento que um aluno entra em sua sala de aula, encontrar uma maneira de facilitar o aprendizado daquele indivíduo precisa se tornar uma questão importante de seu trabalho. O professor causa uma transformação positiva em seus alunos, não deveria existir a possibilidade de um educador simplesmente desistir de uma parte tão importante de seu trabalho e ignorar as necessidades de seus alunos, ainda que a situação seja adversa. É preciso buscar os meios que favoreçam a sua atuação e exigir da escola as condições necessárias para que se possa atuar de maneira positiva com o grupo de alunos como um todo, sem excluir qualquer parte desse grupo.

“Não me sentia preparada para dar aulas para o aluno. Principalmente não tinha nenhuma ideia do que se tratava o TEA na época. Pesquisar sobre o assunto e conversar com a professora anterior do aluno me ajudou um pouco”. Este comentário deixa claro que essa professora, por mais que não tenha recebido a ajuda esperada, pois sequer recebeu as informações básicas a respeito do TEA antes de ter um aluno com o transtorno em sua sala de aula, assumiu a responsabilidade e foi buscar informações que pudessem auxiliá-la com sua conduta e com suas práticas. Outra professora da mesma instituição ainda relatou que “contamos com pelo menos 3 alunos com diagnóstico TEA, que por iniciativa da família estão estudando conosco e por eles também trazem as melhores soluções para os alunos poderem interagir dentro da sala de aula. Porém, a equipe de professores e gestão não teve formação apropriada para lidar com os casos apresentados aqui”.

Fica claro que os pais e responsáveis buscam as escolas por saberem que esse é o ambiente mais favorável para o desenvolvimento das habilidades de seus filhos, especialmente em se tratando da interação social, porém, a falta de preparo das instituições de ensino para receber esses alunos pode prejudicar o processo e fazer com que esses indivíduos apenas frequentem o ambiente sem que os mesmos recebam estímulos adequados ou sequer sejam vislumbrados como alunos que têm capacidade de aprender.

“Fui avisada com antecedência e os gestores me passaram informações sobre a rotina da aluna e de suas limitações naquele momento. Consegui desenvolver com a aluna o conteúdo, mas acredito que preciso de mais aporte didático sobre o tema para situações

futuras”. Essa professora, de outra instituição, teve acesso às informações sobre a aluna e suas características com antecedência, atitude correta e que pode auxiliar bastante o professor, dando a oportunidade para que o mesmo busque mais informações e se prepare da forma mais adequada para recepcionar o aluno. Ainda assim, ao fim de sua resposta ela deixa claro que precisa de mais informações e suporte para outras oportunidades que possam surgir, essa atitude é bastante positiva, pois deixa claro a vontade de aprender constantemente dessa profissional. É preciso que as escolas defendam justamente esse tipo de postura, onde os professores queiram se informar cada vez mais a respeito de técnicas que possam auxiliar seus alunos e sanar suas dificuldades, é importante que a oportunidade de treinamento continuado seja estimulada pelos próprios gestores e que o desenvolvimento do grupo de professores seja sempre uma prioridade da equipe pedagógica da escola.

Parte dos comentários também envolveu experiências favoráveis, onde alguns dos professores relataram sobre atitudes positivas que empregaram durante as aulas e trouxeram bons resultados. “A rotina da aula permanecia afixada na parede, com ilustrações indicativas. As instruções passadas oralmente recebiam reforço por escrito - uma cartela individual, numerando os passos a seguir e por vezes, com ilustrações. Durante as atividades, eram estabelecidos *checkpoints* para evitar fugas do tema - acordos individuais com a criança para que cada etapa realizada por ela fosse conferida antes de dar prosseguimento. O conteúdo permanecia o mesmo, mas os critérios das atividades eram adaptados, o tempo para realizar era ampliado e as mediações mais constantes. Antes da produção textual, a criança precisava contar seu plano de escrita. E como tinha muita afinidade e habilidade com desenho, depois do desenvolvimento do texto, era encorajada a ilustrar sobre o que escreveu. A criança recebia reforço positivo por cada realização. Após as leituras individuais, a criança era convidada a fazer a retomada do conteúdo com suas próprias palavras ou desenhar o que leu.”

A situação relatada no comentário traz várias medidas pertinentes que podem ser testadas e utilizadas com alunos que se encontrem no espectro autista, a rotina marcada das aulas certamente diminui o nível de ansiedade e faz com que o processo de ensino seja mais confortável para esses alunos, uma vez que novidades e mudanças de plano podem fazer com que eles se sintam angustiados e frustrados. Não é necessário que os conteúdos para esses alunos sejam diferentes, muito pelo contrário, eles precisam ter acesso às mesmas informações que os outros alunos, porém, adaptações precisam ser feitas para que de fato eles possam compreender os exercícios, perceber o que é esperado deles e realmente consigam participar das atividades de maneira significativa, tendo a oportunidade de aprender e internalizar o conteúdo. Outro detalhe que merece destaque neste comentário é o uso do

reforço positivo, valorizar os avanços dos alunos é essencial e um grande fator motivador para os aprendentes, o professor precisa manter seus alunos motivados e saber apreciar seu desenvolvimento pessoal, de acordo com a sua realidade individual.

“A comunicação com ele tinha que ser muito direta e objetiva. Reforço positivo ajudou muito, pois ele conseguia se concentrar mais quando sabia que estava se saindo bem. Colocá-lo em pares com alunos mais pacientes também ajudava, havia uma aluna em particular que se dava muito bem com ele”. Este comentário foi de uma professora de outra instituição de ensino, que também comprovou que, com os direcionamentos certos e com o reforço positivo, é possível sim fazer com que o aluno se sinta acolhido e capaz. Através do estudo pode-se compreender mais sobre o TEA, as características do transtorno e, com base nisso, ter a possibilidade organizar medidas que possam auxiliar alunos com autismo. Na prática sempre existe a oportunidade de testar estratégias e analisar os resultados. Para encontrar as medidas mais eficientes para cada aluno, é preciso criar um clima de colaboração mútua com o grupo, estimular e criar oportunidades de aprendizagem em conjunto, afinal, os alunos também precisam aprender a respeitarem-se uns aos outros. Para isso, basta que o professor se dedique e busque o auxílio que precisa para pôr em prática as medidas que julgar interessantes para estimular o aprendizado de todos os seus alunos.

“Eu tenho mais de um aluno com TEA, é gratificante quando consigo acessá-los e ter retorno, positivo ou não, o mais complicado é falta de tempo em aula para poder estar mais dedicada, pela hora aula e pelo número de alunos em sala”. Obviamente, o tempo que o professor tem para estimular o desenvolvimento de seus alunos é pouco. Existem muitos problemas que podem dificultar a tentativa do professor de dispor atenção mais direcionada para cada um de seus alunos. De toda forma, o mais importante é que esses professores tenham a certeza de que estão fazendo o possível dentro das condições em que se encontram, é importante avaliar sempre o cenário e planejar as estratégias que irá adotar com o intuito de favorecer os alunos, afinal, como o próprio comentário dessa professora deixou claro, é sempre muito gratificante para um professor comprometido quando o aluno demonstra um retorno e reage ao estímulo que lhe foi dado.

É necessário que os profissionais da educação encarem sempre os novos desafios como uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. Os professores precisam ver o aprendizado de todos os seus alunos como sua missão profissional, só com essa maneira de pensar esses profissionais terão o estímulo necessário para buscar sempre melhorar suas práticas e se empenharão em estimular o crescimento dos seus alunos da melhor maneira. Considerando isso, coloco em destaque um último comentário que foi dado à última questão

da pesquisa, onde uma professora relatou que sua oportunidade de ensinar a um aluno com TEA foi “uma experiência muito produtiva, para todos os componentes, e muito melhor para as crianças, a inclusão é sempre o caminho”. A inclusão verdadeira desses indivíduos no ambiente escolar depende do empenho das instituições de ensino em cumprir o que é esperado das mesmas, assegurando um ambiente realmente inclusivo, que possa atender às exigências de oferta de ensino e aprendizagem para todos, com igualdade e sem segregação. É essencial que o ambiente escolar esteja preparado para acolher alunos com TEA e para dar o suporte necessário aos profissionais responsáveis pela educação, afinal, apesar de exigir esforço, essa é uma realidade possível de ser alcançada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trouxe uma visão geral a respeito do Transtorno do Espectro Autista, explorando pesquisas recentes sobre o tema com o intuito de evidenciar as principais características dessa síndrome, uma vez que a incidência de diagnósticos tem crescido e isso pode indicar que cada vez mais indivíduos ingressarão nas instituições de ensino, buscando a colaboração desses ambientes para o seu desenvolvimento e aprendizado. Os graus de comprometimento dos indivíduos que se encontram no espectro autista variam de leve a severo, e as habilidades prejudicadas no desenvolvimento dessas pessoas podem mudar muito de caso para caso, o que, inclusive, dificulta o diagnóstico precoce que é fundamental para garantir a utilização de estímulos apropriados desde os primeiros anos de vida, assegurando uma evolução mais enérgica e um crescimento mais pleno das habilidades.

As áreas que mais apresentam prejuízo nos indivíduos com TEA são o desenvolvimento da linguagem e as habilidades de interação social. Isso, por si só, pode trazer um grande dano para o processo de aprendizagem, considerando que o aprendizado se constrói através da interação com o outro, além da linguagem ser um dos recursos mais utilizados para estabelecer a comunicação. De toda forma, é fato que esses indivíduos, ainda que com suas limitações, terão muito mais oportunidades de desenvolvimento se tiverem acesso a um ambiente onde possam interagir com pessoas diferentes e, além disso, tenham as mesmas oportunidades que todos os outros estudantes, de aprender os mesmos assuntos e receber uma educação que leve em conta suas qualidades e seus pontos fracos, para que assim o ensino seja direcionado e vise, acima de tudo, a expansão do conhecimento dos indivíduos.

Não existe uma maneira de integrar alunos que tenham alguma necessidade de atenção mais específica sem que antes se busque conhecer ao máximo esse aluno, para só então ter uma ideia mais ampla a respeito de suas necessidades e, a partir disso, ter a oportunidade de ponderar as possibilidades de métodos e prática de ensino que sejam ideais, de acordo com o perfil do aluno e a maneira como o mesmo aprende. Cada aprendente tem a sua individualidade que deve ser sempre considerada e respeitada. As escolas precisam ter a consciência de que seu ambiente tem que ser favorável ao aprendizado de todos, e não apenas a um tipo específico de aluno. É preciso estar sempre buscando formas de incluir da melhor maneira possível cada um dos alunos. E, por inclusão, entenda-se possibilitar, através de incentivo, recursos, informação e preparo profissional, que todos possam participar ativamente da construção do conhecimento.

Esse preparo mencionado reverbera na equipe de professores, se eles não estiverem devidamente treinados para receber alunos plurais, continuarão elaborando estratégias que favorecem apenas alguns perfis de alunos. É importante que as instituições de ensino percebam a relevância do treinamento continuado de seus profissionais, pois, novos estudos a respeito de dificuldades de aprendizagem surgem a cada dia e os professores precisam sempre ter acesso a essas informações, para assegurar que estarão fazendo seu trabalho da melhor forma. Esse é um exercício essencial para o ensino e precisa ser constante.

A partir do momento em que um professor se mune de informações, consegue agir com mais precisão, atuando com o foco no aluno, contribuindo com o seu desempenho e colaborando com o seu progresso. A afetividade também é um fator crucial para o aprendizado, afinal, sem a afetividade o professor não consegue se preocupar verdadeiramente com aqueles a quem está ensinando, não enxerga suas necessidades individuais e não trabalha com foco na progressão gradativa do aprendente. A melhor forma de fazer com que os alunos aprendam verdadeiramente é fazer com que o aprendizado seja algo prazeroso e, para que isso aconteça, é fundamental que o professor se empenhe em estabelecer um vínculo com esse aluno, respeitando e auxiliando-o para que ele consiga superar suas limitações, além de aproveitar suas áreas de interesse para guiar os momentos de ensino, favorecendo a motivação do aprendente.

Por isso, após fazer uma análise bibliográfica a respeito do Transtorno do Espectro Autista, dando ênfase ao processo de aprendizagem dos indivíduos que se encontram inseridos no espectro, além da influência da afetividade, do preparo das instituições de ensino e do papel do professor nesse processo, foi realizada a aplicação de um questionário a respeito do TEA com um grupo representativo dos professores. Esse grupo incluía profissionais das redes públicas, privadas e também de cursos livres, e o objetivo do questionário era verificar o nível de conhecimento desses educadores a respeito do tema do trabalho. Com base nas informações obtidas através da amostragem, foi possível perceber quais questões referentes ao TEA já são mais difundidas e conhecidas, e quais ainda precisam ser mais divulgadas e agregadas a treinamentos direcionados aos professores que serão responsáveis por receber e integrar os alunos com autismo que chegarem às escolas.

Nos resultados obtidos, foi possível levantar hipóteses relevantes para o tema abordado. Percebeu-se que muitos professores têm conhecimento a respeito do Transtorno do Espectro Autista e até já tiveram acesso a informações mais específicas sobre a síndrome, porém, claramente as informações que chegaram ao grupo de professores que participou da pesquisa não foram passadas de forma incisiva e transparente o suficiente para que esses

profissionais pudessem, de fato, incorporar esse conhecimento. Nas respostas para as perguntas específicas a respeito do transtorno, houve muitas dúvidas e incertezas, por mais que parte dos profissionais indicasse compreensão a respeito dos temas abordados. Esse fator abre espaço para a hipótese de que, ainda que muitos tenham se deparado com o tema durante suas formações, esses profissionais não receberam essas informações de uma maneira que pudesse realmente proporcionar um engrandecimento na atuação dos mesmos.

Foi muito enriquecedor ler os relatos desses professores a respeito de situações onde tiveram a oportunidade de acompanhar o aprendizado de alunos com autismo nas instituições onde trabalham. É interessante perceber que a atuação do professor é sempre influenciada pela maneira como as escolas acompanham esses casos e lidam com a integração desses alunos. Nos casos onde os professores tiveram um melhor acompanhamento e suporte, além do acesso prévio às informações a respeito do aluno, esses profissionais se sentiram mais à vontade e obtiveram resultados mais favoráveis, porém, aqueles que tiveram que lidar com o processo de integração sem ter o suporte de seus superiores e da instituição, acabaram por vivenciar situações frustrantes. Circunstâncias como a última mencionada precisam ser evitadas, as escolas necessitam, a todo custo, entender que o seu papel é fundamental para garantir o acolhimento dos alunos com TEA. Além dessa compreensão, é essencial trabalhar para que isso de fato ocorra, é necessário preparar o ambiente e os profissionais que são responsáveis pelo ensino dentro dessas instituições, de maneira a favorecer a inclusão e garantir a aprendizagem.

O cenário ideal para a inclusão de alunos que se encontram no espectro autista ainda parece distante, os resultados da pesquisa feita ao longo deste trabalho transparecem a necessidade de melhoria no preparo dos profissionais da educação, para que os mesmos possam lidar com esses alunos de forma adequada. O primeiro passo para que isso ocorra, é fazer com que as instituições de ensino compreendam o seu papel na melhoria da vivência desses indivíduos no ambiente escolar, dessa forma, as escolas se tornarão locais mais oportunos para receberem alunos com TEA. À vista disso, os professores, peças fundamentais no processo de adaptação, também poderão receber todo o suporte que necessitam para fazer um bom trabalho, visando ao bem-estar e ao crescimento individual desses alunos. O aprendizado de todos precisa ser sempre um fator importante para os profissionais da educação, o processo de formação de educadores precisa estar em constante melhoria, além de considerar regularmente as demandas dos aprendentes.

Dada à importância do tema e a identificação da necessidade de melhoria no processo de inclusão e de assistência aos alunos com o transtorno autista nas instituições de ensino,

especialmente por conta do crescimento da incidência de diagnósticos do TEA, hipótese esta que ficou mais evidente através da quantidade de participantes da pesquisa que já disseram ter tido a oportunidade de ensinar alunos que se encontravam inseridos no espectro autista (17 dos 32, o que equivale a 53,1% da amostragem, ou seja, mais da metade do grupo de professores), torna-se necessário acelerar o acesso dos profissionais da educação a informações relevantes sobre o autismo, para que isso possa auxiliá-los em sua atuação. É fundamental que a formação de docentes aborde com muita clareza questões relacionadas às dificuldades de aprendizagem, além de tratar de temas relacionados a síndromes que podem gerar demandas específicas dos alunos durante o processo de aprendizagem.

As escolas devem buscar sempre novas informações, aderir medidas e adaptações que favoreçam seus alunos e, ademais, garantir um treinamento continuado para seus profissionais, colaborando para que os mesmos tenham sempre acesso a informações essenciais e diversificadas, que sirvam de suporte para que eles exerçam sua função com segurança, alcançando a sua melhor desenvoltura em sala de aula, especialmente nas situações onde precisam lidar com alunos que possuem demandas específicas. No campo da educação, não existem fórmulas prontas, a reavaliação de medidas e práticas tem que ser constante, a busca por melhoria tem que ser incansável. As responsabilidades são muitas, mas precisam ser encaradas como desafios que colaboram com o engrandecimento dos profissionais. O aprendizado dos alunos, afinal, deve ser visto como algo essencial para todos os que escolheram formar indivíduos como uma parte fundamental de sua profissão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 02 dez. 2018.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm>. Acesso em: 10 set. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 22 out. 2018.

CASTANHEL, Giovana Cucker Del. Uma Análise Sobre a Importância da Afetividade na Organização Funcional do Cérebro para a Construção da Aprendizagem Humana. In: SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga (Orgs.). **Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem: Entendendo Melhor os Alunos com Necessidades Educativas Especiais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014. p. 267-284.

CASTRO, Edileide. **Afetividade e Limites: Uma Parceria entre a Família e a Escola**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na Escola: Um Jeito Diferente de Aprender, Um Jeito Diferente de Ensinar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2018.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: Psicopedagogia e Práticas Educativas na Escola e na Família**. 7. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

LIMA, P.A. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006.

MANTOAN, M. T. E. **Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha**. In: MANTOAN, M.T.E; PRIETO, R.G, ARANTES, V. A (orgs). **Inclusão escolar: Pontos e Contrapontos**. São Paulo: Summus, 2006. Capítulo I, 15 – 29.

OLIVEIRA JUNIOR, Antonio Paulino de. Critérios e Formas de Adaptação Curricular para Alunos com Deficiência Visual na Rede Regular de Ensino. **Didática e Prática de Ensino na Relação com a Escola**. Fortaleza: p. 1549-1561, 2015.

O QUE É MOTRICIDADE FINA? **Educamais**, 23 mar. 2010. Disponível em: < <http://educamais.com/o-que-e-motricidade-fina/>>. Acesso em 11 nov. 2018.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Aprendizes com Autismo: Aprendizagem por Eixos de Interesse em Espaços não Excludentes**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, Linguagem e Educação:** Interação Social no Cotidiano Escolar. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

RELVAS, Marta Pires (Org.). **Que Cérebro é Esse Que Chegou na Escola?** As Bases Neurocientíficas da Aprendizagem. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017.

SERRA, Dayse. **Alfabetização de Alunos com TEA.** Rio de Janeiro: E-NUPPES, 2018.

SURIAN, Luca. **Autismo:** Informações Essenciais para Familiares, Educadores e Profissionais da Saúde. São Paulo: Paulinas, 2010.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do Autismo:** Guia dos Pais Para o Tratamento Completo. 4. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

VARGAS, Rosanita Moschini. Autismo e Síndromes de Asperger: Caminhos Possíveis. In: SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga (Orgs.). **Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem:** Entendendo Melhor os Alunos com Necessidades Educativas Especiais. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014. p. 163-186.

ZORZETTO, Ricardo. **O Cérebro no Autismo.** Pesquisa Fapesp, São Paulo, n 184, jun 2011. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2018/02/16/por-uma-cidade-mais-saudavel/>> Acesso em: 24 outubro. 2018.